

EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO Nº 01/2017

O Reitor da Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, com base no Artigo 3º da Lei Complementar nº 039, de 09 de setembro de 1991, torna público, para conhecimento dos interessados, que estão abertas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO destinado ao provimento de cargo efetivo da categoria de Professor Universitário, do Quadro de Pessoal Permanente, de acordo com quadros e normas anexos, sob regime da Lei Complementar nº 345, de 07 de abril de 2006, Regimento Geral da UDESC e Resolução CONSEPE 023/2009 e suas alterações, conforme segue:

1. DAS ATRIBUIÇÕES DO CARGO

São consideradas atividades acadêmicas próprias dos titulares do cargo da categoria Professor Universitário, da carreira de Professor de Ensino Superior, as pertinentes:

I - ao ensino, pesquisa e extensão;

II - ao exercício de cargos ou funções de confiança de direção, chefia e assessoramento que objetivem administrar a produção do conhecimento, a aprendizagem, a ampliação e a transmissão do saber da cultura, da arte, da ciência e da tecnologia na Universidade;

III - ao desenvolvimento de programas de aperfeiçoamento e de estudos em cursos de especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

2. DAS VAGAS

O presente concurso se destina ao preenchimento das vagas existentes para o cargo de Professor Universitário, conforme segue, e das vagas que ocorrerem durante a validade do mesmo.

2.1. QUADRO GERAL DE VAGAS

2.1.1. CENTRO DE ARTES - CEART

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Florianópolis	Desenho
01	40 horas	Florianópolis	Desenho Industrial – Desenho de Produto / Programação Visual
01	40 horas	Florianópolis	Fundamentos e Crítica de Arte – Teoria da Arte / História da Arte / Crítica de Arte
01	40 horas	Florianópolis	Música – Educação Musical
01	40 horas	Florianópolis	Teoria Teatral

2.1.2. CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS - CAV

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Lages	Biologia e Manejo de Plantas Daninhas
01	40 horas	Lages	Doenças Parasitárias de Animais
01	40 horas	Lages	Engenharia Civil
01	40 horas	Lages	Gestão Ambiental
01	40 horas	Lages	Proteção Florestal

2.1.3. CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO E SÓCIO-ECONÔMICAS – ESAG

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Florianópolis	Administração Pública e Coprodução

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Florianópolis	Macroeconomia

2.1.4. CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO ESPORTE – CEFID

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Florianópolis	Aspectos Pedagógicos do Movimento Humano/ Formação Esportiva
01	40 horas	Florianópolis	Fisioterapia na Atenção Primária em Saúde
01	40 horas	Florianópolis	Recursos Fisioterapêuticos

2.1.5. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Florianópolis	Geografia Física - Biogeografia
01	40 horas	Florianópolis	Geografia Humana – Geografia Agrária e Geografia do Brasil
01	40 horas	Florianópolis	Teoria e Prática Pedagógica: Libras – Língua Brasileira de Sinais/ Educação Especial e Educação Inclusiva

2.1.6. CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Joinville	Arquitetura e Organização de Computadores
01	40 horas	Joinville	Engenharia de Produção
01	40 horas	Joinville	Engenharia Hidráulica
01	40 horas	Joinville	Física
01	40 horas	Joinville	Matemática
01	40 horas	Joinville	Processos de Fabricação – Conformação Mecânica e Fundição - Engenharia Mecânica

2.1.7. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA FOZ DO ITAJAÍ - CESFI

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Balneário Camboriú	Ciência Política
01	40 horas	Balneário Camboriú	Economia
01	40 horas	Balneário Camboriú	Engenharias (A)
01	40 horas	Balneário Camboriú	Engenharias (B)

2.1.8. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA REGIÃO SUL – CERES

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Laguna	Botânica
01	40 horas	Laguna	Genética, Evolução e Recursos Genéticos

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Laguna	Projeto de Paisagismo

2.1.9. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ALTO VALE DO ITAJAÍ - CEAVI

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Ibirama	Engenharia de Software

2.1.10. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO OESTE – CEO

Nº Vagas	Regime de Trabalho	Local de Trabalho	Áreas de conhecimento
01	40 horas	Pinhalzinho	Engenharias – Engenharia Química – Processos Industriais de Engenharia Química
01	40 horas	Pinhalzinho	Engenharias – Engenharia Química – Processos Industriais de Engenharia Química e Tecnologia Química
02	40 horas	Chapecó	Enfermagem
01	40 horas	Chapecó	Enfermagem de Saúde Pública
01	40 horas	Chapecó	Zootecnia - Nutrição e Alimentação Animal - Produção Animal

3. DAS INSCRIÇÕES:

3.1 Períodos:

3.1.1 CANDIDATOS AMPARADOS PELA LEI 10.567/97 (DOADORES DE SANGUE)

Início: 08/01/2018

Término: 22/01/2018

3.1.2. CANDIDATOS PAGANTES POR MEIO DO DEPÓSITO IDENTIFICADO

Início: 08/01/2018

Término: 22/02/2018

3.2. Locais e Horários:

3.2.1. UDESC – Centro de Artes – CEART

Avenida Madre Benvenuta, 1907 - Itacorubi

CEP: 88035-001 - Florianópolis/SC

Fone: (48) 3664-8349 ou (48) 3664-8313

Horário: 13:30 às 18:30

Local de protocolo: Direção de Ensino de Graduação

3.2.2. UDESC – Centro de Ciências Agroveterinárias – CAV

Avenida Luiz de Camões, 2090 – Bairro Conta Dinheiro

CEP: 88520-000 – Lages/SC

Fone: (49) 3289-9180 ou (49) 3289-9101

Horário: 13:00 às 19:00

Local de protocolo: Setor de Recursos Humanos

3.2.3. UDESC– Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas – ESAG

Avenida Madre Benvenuta, 2037 – Bairro Itacorubi

CEP: 88035-001 – Florianópolis/SC

Fone: (48) 3321-8272 – Fax: (48) 3321-8157

Horário: 14:00 às 18:00

Local de protocolo: Sala 151 - Primeiro Andar – ESAG

3.2.4. UDESC – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID

Rua Paschoal Simone, 358 – Bairro Coqueiros

CEP: 88080-350 – Florianópolis/SC

Fone: (48) 3664-8618

Horário: 08:00 às 16:00

Local de protocolo: Direção de Ensino de Graduação

3.2.5. UDESC – Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED

Avenida Madre Benvenuta, 1907 – Bairro Itacorubi

CEP: 88035-001 - Florianópolis/SC

Fone: (48) 3664-8517 ou (48) 3664-8524

Horário: 13:00 às 18:45

Local de protocolo: Direção de Ensino de Graduação - Sala 327

3.2.6. UDESC – Centro de Ciências Tecnológicas – CCT

Rua Paulo Malschitzki, 200 - Campus Universitário Prof. Avelino Marcante

Bairro Zona Industrial Norte - CEP: 89219-710 – Joinville/SC

Fone: (47) 3481-7900

Horário: 13:00 às 19:00

Local de protocolo: Coordenação de Recursos Humanos - Bloco A - piso térreo.

3.2.7. UDESC – Centro de Educação Superior da Foz do Itajaí – CESFI

Avenida Central, 413, Edifício Magila – Bairro Centro

CEP: 88330-668 – Balneário Camboriú/SC

Fone: (47) 3398-6484

Horário: 09:00 às 12:00 ou 13:00 às 17:00

Local de Protocolo: Secretaria da Direção Geral do Centro

3.2.8. UDESC – Centro de Educação Superior da Região Sul – CERES

Rua Coronel Fernandes Martins, 270 – Bairro Progresso

CEP: 88790-000– Laguna/SC

Fone/Fax: (48) 3647-7900

Horário: 11:30 às 16:30

Local de Protocolo: Setor de Recursos Humanos

3.2.9. UDESC – Centro de Educação Superior do Alto Vale do Itajaí – CEAVI

Rua Dr. Getúlio Vargas, 2822 – Bairro Bela Vista

CEP: 89140-000 – Ibirama /SC

Fone/Fax: (47) 3357-8484

Horário: 13:00 às 19:00

Local de protocolo: Secretaria Acadêmica de Ensino

3.2.10. UDESC – Centro de Educação Superior do Oeste – CEO

Rua Beloni Trombeta Zanin, 680 E – Bairro Santo Antônio

CEP: 89815-630 – Chapecó/SC

Fone/Fax: (49) 2049 9524

Horário: 13:00 às 19:00

Local de protocolo: Secretaria da Direção Geral do Centro - Sala 27

4. DAS CONDIÇÕES PARA A INSCRIÇÃO:

- 4.1. Não serão aceitas inscrições sem a totalidade dos requisitos conforme item 5, nem inscrições condicionais.
- 4.2. Só serão aceitas as inscrições realizadas no site da UDESC através do link <http://www.udesc.br/concursopublico/012017>
- 4.3. Não caberá devolução da taxa de inscrição em hipótese alguma.
- 4.4. A inscrição dará ao candidato o direito de fazer a escolha de apenas uma área de conhecimento.
- 4.5. Havendo mais de uma inscrição pelo mesmo candidato, em mais de uma área de conhecimento, valerá a última inscrição com o pagamento válido, cancelando-se as demais.

5. DOS REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

- 5.1. Ser brasileiro ou estrangeiro dentro das normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Imigração.
- 5.2. Ter idade mínima de 18 (dezoito) anos.
- 5.3. Recolher a taxa de inscrição no valor de R\$ 200,00 (duzentos reais), a ser efetuado conforme segue:
 - a) o candidato deverá acessar o link: <http://depositoidentificado.sef.sc.gov.br:80/Controles/GeraDeposito.aspx>
 - b) gerar um Depósito Identificado, preenchendo os seguintes dados:
Órgão 4522 – Fundação Universidade Estado de SC – UDESC
Banco do Brasil
Agência 3582-3
Conta Corrente 903000-X
Finalidade: **Inscrição Concurso Público 01/2017**
Depositante: (nome completo do candidato)
Nº do CPF (do candidato):
Fone de Contato:
Valor do Depósito:
 - c) clicar em “inserir”;
 - d) imprimir as Informações para Depósito/Transferência Conta Unidade do Poder Executivo do Estado de SC;
 - e) o Depósito Identificado oferecerá as seguintes modalidades de execução:
 - 1) Para não correntistas do Banco do Brasil: Na Agência do Banco do Brasil, através de depósito no caixa de atendimento presencial, até às 16 horas.
 - 2) Para correntistas do Banco do Brasil: No caixa eletrônico, através dos ícones: “outras opções” / “transferências” / “próxima” / “depósito identificado”; ou no *internet banking*, através dos ícones: “transferências” / “depósito identificado” / “entre contas correntes”.Considerar em todos os casos o número do Código Identificador de Depósito/Transferência gerado.
- 5.4. Preencher o Formulário de Inscrição obtido no site da UDESC através do link <http://www.udesc.br/concursopublico/012017>
 - 5.4.1. Anexar no Formulário de Inscrição, cópia digitalizada da guia do Depósito Identificado gerado no item 5.4 e cópia digitalizada do comprovante de pagamento, emitido pela instituição bancária.
- 5.5. Os candidatos amparados pela Lei nº 10.567/97 (doadores de sangue) deverão preencher o Formulário de Inscrição obtido no site da UDESC através do link <http://www.udesc.br/concursopublico/012017>
 - 5.5.1. Anexar o documento expedido pela entidade coletora comprovando ser doador de sangue, discriminando o número e a data em que foram realizadas as doações, não podendo ser inferior a 03 (três) vezes anuais.
- 5.6. Ao finalizar o preenchimento do Formulário de Inscrição do link <http://www.udesc.br/concursopublico/012017>, o candidato receberá uma mensagem automática, no e-mail cadastrado, confirmando os dados da solicitação de inscrição no referido Edital.
 - 5.6.1. O candidato que não receber a mensagem automática deverá conferir a Caixa de Lixo Eletrônico (spam) do seu e-mail.

6. DA HOMOLOGAÇÃO DAS INSCRIÇÕES

6.1. CANDIDATOS AMPARADOS PELA LEI Nº 10.567/97 (DOADORES DE SANGUE)

6.1.1. A homologação das inscrições está condicionada ao atendimento de todos os requisitos de inscrição previstos no Edital (item 5).

6.1.2. As inscrições referentes aos candidatos amparados pela Lei nº 10.567/97 (doadores de sangue) serão homologadas ao fim do período previsto para esta modalidade de inscrição, conforme item 3.1.1, e divulgadas no site da UDESC (<http://www.udesc.br/concursopublico/012017>), até 24/01/2017.

6.1.3. Os candidatos amparados pela Lei nº 10.567/97 que tiverem sua inscrição indeferida poderão realizar uma nova inscrição, efetuando o pagamento do Depósito Identificado, conforme item 5.3, até o final do período de inscrição, conforme item 3.1.2.

6.2. CANDIDATOS PAGANTES POR MEIO DO DEPÓSITO IDENTIFICADO

6.2.1. A homologação das inscrições está condicionada ao atendimento de todos os requisitos de inscrição previstos no Edital (item 5).

6.3. As inscrições serão homologadas pelo Reitor, através de Portaria, após o seu encerramento, e publicadas no Centro e no site da UDESC (<http://www.udesc.br/concursopublico/012017>).

6.4. Em caso de indeferimento das inscrições caberá recurso administrativo, estritamente por arguição de ilegalidade, ao Reitor em até 2 (dois) dias úteis após sua publicação.

6.4.1. Caso o recurso não seja julgado até a data da prova escrita, o candidato realizará a(s) prova(s) condicionalmente.

7. DA BANCA EXAMINADORA

7.1. A Banca Examinadora do Concurso Público, responsável pela avaliação dos candidatos, será indicada pelo Chefe do Departamento, aprovada pelo Pleno do Departamento e Conselho de Centro e publicada por Portaria da Direção Geral no Centro e no Site do Centro em até 20 (vinte) dias antes da realização das provas. O site do Centro pode ser obtido no endereço <http://www.udesc.br/unidades>.

7.2. A Banca Examinadora do Concurso Público deverá ser constituída por, no mínimo, 4 (quatro) docentes ativos, um dos quais suplente, preferencialmente doutores, sendo, pelo menos, um doutor proveniente de instituição externa.

7.2.1. Respeitadas as condições do parágrafo anterior, poderão integrar a Banca Examinadora do Concurso Público docentes de outras Instituições de Ensino Superior.

7.3. A titulação exigida para os membros da Banca Examinadora deverá ser igual ou superior à exigida para o Concurso Público.

8. DA REALIZAÇÃO DAS PROVAS

8.1. O Concurso Público far-se-á mediante avaliação de títulos e provas de conhecimento.

8.2. As provas de conhecimento, de caráter eliminatório, serão: 1 – escrita; e 2 – didática, exigindo-se nota mínima 7 (sete) em cada uma delas, resultado da média aritmética simples das notas atribuídas por cada membro da Banca Examinadora.

8.3. Nas provas de conhecimento o candidato deverá apresentar documento oficial de identificação: a Carteira de Identidade original emitida pelas Secretarias de Segurança Pública ou Carteira de Identidade original expedida pelas Forças Armadas (Ministério da Marinha, Exército e Aeronáutica), Bombeiro Militar de Santa Catarina ou pelo Ministério das Relações Exteriores ou Cédula de Identificação original emitida por Conselho Profissional, desde que com foto, assinatura, data de expedição e a expressa indicação de sua validade em todo o território nacional ou Passaporte ou Carteira Nacional de Habilitação original expedida a partir de 1997 (com foto) ou Carteira de Trabalho ou Boletim de Ocorrência por motivo de perda, roubo ou extravio, emitido por autoridade policial competente (desde de que não excedam 30 dias da sua emissão). Neste caso, o candidato será submetido a identificação especial, compreendendo a coleta de dados, assinatura e impressão digital na Ata da Banca Examinadora, com a retenção de cópia do Boletim de Ocorrência.

No caso de candidato estrangeiro serão considerados documentos de identidade apenas a Carteira de Identidade, emitida pelo país de origem ou o Passaporte.

8.4. Caso o candidato não obtenha a nota mínima de 7,0 (sete vírgula zero) na prova de conhecimentos escrita (com critério classificatório e eliminatório), não participará das demais etapas de prova de títulos e conhecimento didática.

8.5. Da prova escrita

8.5.1. A prova escrita será dissertativa e/ou objetiva sem consulta, e versará sobre a matéria constante do ementário da(s) área(s) de conhecimento à disposição dos candidatos no anexo II deste Edital e no site da UDESC, no endereço www.udesc.br no link referente a este Concurso.

8.5.2. Os candidatos deverão trazer para a realização da prova escrita os seguintes materiais:

- Lápis;
- Borracha branca;
- Apontador;
- Caneta esferográfica na cor azul ou preta;

8.5.3. Para as áreas abaixo será permitido o uso do seguinte material extra:

CENTRO	ÁREAS	MATERIAL EXTRA
CEART	Desenho	Lápis preto para desenho ou lapiseira, borracha, lápis de cor, bloco de papel para desenho A4.
CEART	Desenho Industrial – Desenho de Produto / Programação Visual	Calculadora, compasso, esquadros e escalímetro
CAV	Engenharia Civil	Calculadora científica comum.

8.5.4 A prova escrita da área de **Desenho** do Curso de Bacharelado em Moda do CEART será complementada com a realização de desenho de observação, representando 30% da nota final da prova escrita. Tal desenho será o mesmo para todos os candidatos, sendo disponibilizado o tempo máximo de 60 minutos para a sua realização.

8.6. Da prova didática

8.6.1. A prova didática constará de aula com duração máxima de 50 (cinquenta) minutos, a critério da Banca Examinadora que deverá comunicar oficialmente o tempo à disposição do candidato no momento do sorteio do tema. A Banca Examinadora, após a exposição do candidato, poderá utilizar até 30 (trinta) minutos para questionamentos.

8.6.2. A prova didática será realizada em sessão pública, sendo vedada a presença dos demais candidatos, incluindo aqueles que já tiverem sido eliminados na prova escrita.

8.6.3 Será disponibilizado ao candidato na prova didática: computador, projetor multimídia e quadro branco ou de giz.

8.6.4 O tema sobre o qual versará a prova didática será sorteado pela Banca Examinadora, no início da prova escrita, a partir de pelo menos 3 (três) temas relacionados à área de conhecimento, objeto do concurso, respeitado o anexo II deste Edital.

8.6.5. Os critérios de avaliação da prova didática seguem os princípios básicos de: apresentação do Plano de Aula (a serem entregues em 3 vias), conteúdos utilizados (organização dos conteúdos, abordagem subjacente à prática, atualidade e adequação das informações, sequência e estrutura dos pontos principais, motivação e criatividade, coerência entre plano e aula, domínio e segurança), procedimentos didáticos (emprego apropriado dos recursos didáticos, clareza na comunicação, correta utilização do tempo, introdução, desenvolvimento e conclusão da aula, fixação e verificação da aprendizagem) e requisitos pessoais (interação, pontualidade e postura profissional adequada).

8.6.6. Após o sorteio do tema, será feito o sorteio da sequência das provas didáticas, sendo que o local e horário da prova didática de cada candidato será divulgado no Centro e no site do Centro. O site do Centro pode ser obtido no endereço <http://www.udesc.br/unidades>.

8.6.7. Durante a prova didática a Banca Examinadora poderá arguir sobre propostas ou conhecimentos na área de conhecimento do Concurso Público nas modalidades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

8.6.8. As provas didáticas poderão ser gravadas a requerimento da Banca Examinadora, e apenas por ela, para fins de garantir transparência e lisura no Processo, sendo garantido o direito de imagem dos candidatos.

8.6.9. A nota final da prova didática será resultado da média aritmética simples das notas atribuídas por cada membro da Banca Examinadora.

8.6.10. Quando a prova didática for complementada apenas com prática experimental, será aplicada a seguinte fórmula:

$$\text{NFPD} = \frac{\text{NPD} \times 8 + \text{PPE} \times 2}{10}$$

Onde:

NFPD = Nota Final da Prova Didática;

NPD = Nota da Prova Didática;

PPE = Prova Prática Experimental;

8.6.11. A **prova didática** da área de **Desenho** do Curso de Bacharelado em Moda do CEART será complementada com a realização de prova prática, representando 20% (vinte por cento) da nota final da prova didática. A prova prática consistirá na elaboração de um desenho representando um produto de vestuário, com seu respectivo desenho técnico, que será o mesmo para todos os candidatos - utilizando o software Illustrator ou Coreldraw. Será disponibilizado o tempo máximo de 30 minutos para a realização do desenho.

8.6.12. A **prova didática** da área de **Recursos Fisioterapêuticos** do CEFID será complementada com realização de prova prática, representando 20% (vinte por cento) da nota final da prova didática. Na prova prática o candidato executará técnicas fisioterapêuticas relacionadas com o tema sorteado, com duração mínima de 15 minutos e máxima de 20 minutos.

8.7. Da avaliação dos títulos

8.7.1. A avaliação dos títulos não é eliminatória por si, mas é classificatória no conjunto das notas para cálculo da nota final (NF), devendo ser entregue pessoalmente, com as páginas numeradas e rubricadas pelo candidato, conforme item 11 deste Edital no Centro que oferta a vaga para a qual o candidato concorrerá.

8.7.2. O candidato deverá apresentar *Curriculum Vitae* no modelo da Plataforma Lattes, do CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do CNPQ – www.cnpq.br – que deverá estar devidamente comprovado e apostilado, na sequência do formulário Lattes, com toda a documentação, titulação, produção, orientações e demais atividades devidamente identificadas.

8.7.3. A documentação referida no item anterior deverá ser protocolada no Centro que oferta a vaga para a qual o candidato concorrerá e encaminhada ao presidente da banca, no período estabelecido no item 11.2 deste Edital.

8.7.4. Para a avaliação dos títulos, a Banca Examinadora analisará os *Curriculum Vitae* dos candidatos que obtiveram nota mínima 7,0 (sete vírgula zero) nas provas escrita e didática, atribuindo-lhes pontuação de acordo com o Anexo I deste Edital, a partir da produção dos últimos 5 (cinco) anos, **desconsiderando o ano de 2018**, em observância ao Art. 6º da Resolução CONSEPE 023/2009 (e suas alterações), ao Art. 188 do Regimento Geral da UDESC e ao Art. 5º da Lei Complementar 345/2006.

8.7.4.1. O Anexo I será disponibilizado no site da UDESC, na página referente a este concurso, juntamente com o Edital.

8.7.5. A comprovação da titulação acadêmica de doutorado ou mestrado dar-se-á mediante apresentação da cópia autenticada do diploma não sendo aceitas para pontuação neste item a Ata de Defesa, Certificados ou similares.

8.7.6. Na avaliação dos títulos só serão computados pontos para as atividades devidamente comprovadas e submetidas à avaliação da Banca Examinadora. No caso de diploma estrangeiro de Graduação é necessário revalidação e diploma estrangeiro de Pós-Graduação é necessário reconhecimento.

8.7.7. Serão desclassificados os candidatos que apresentarem informações inverídicas, cabendo à Banca Examinadora encaminhar ao órgão competente para apuração das responsabilidades administrativas, penais e civis.

8.7.8. É de inteira responsabilidade do candidato a comprovação de todas as declarações prestadas no *Curriculum Vitae*. Compete ao candidato comprovar, inclusive, a indicação de ISBN e ISSN.

8.7.9. A titulação acadêmica, produção acadêmica e artística deve estar vinculada à área de conhecimento do objeto do concurso.

8.7.10. Uma atividade cuja natureza permite sua pontuação em mais de um item da tabela de pontos, será considerada apenas aquela de valor maior.

8.7.11. A nota bruta da avaliação dos títulos de cada candidato será calculada proporcionalmente, com base na pontuação bruta do Anexo Único da Resolução CONSEPE 023/2009 (Anexo I deste Edital), em razão da maior pontuação bruta dentre os candidatos atribuída pela Banca Examinadora, pela expressão:

$$\text{NFPT} = \frac{\text{PBC} \times 10}{\text{PB}}$$

Onde:

NFPT = Nota final da prova de títulos do candidato;

PBC = Pontuação bruta do candidato;

PB = Maior pontuação bruta entre os candidatos.

9. DA CLASSIFICAÇÃO

9.1. A nota final do candidato no Concurso Público será obtida mediante média aritmética ponderada, aplicando-se a seguinte fórmula:

$$\text{NF} = \frac{\text{NFPT} + (\text{NPE} \times 2) + (\text{NFPD} \times 2)}{5}$$

Onde:

NF = Nota Final do candidato;

NFPT = Nota final da prova de títulos do candidato;

NPE = Nota da prova escrita do candidato;

NFPD = Nota Final da Prova Didática do candidato.

9.2. A nota de cada prova, bem como a média final, será expressa em número, considerando uma casa decimal, utilizando-se o sistema de arredondamento.

9.3. As provas serão avaliadas dentro do intervalo de graus entre 0,0 (zero vírgula zero) e 10 (dez) e será considerado aprovado no Concurso Público o candidato que alcançar nota igual ou superior a 7,0 (sete vírgula zero) na prova escrita e na prova didática.

9.4. Em caso de empate, será classificado o candidato que, em ordem de prioridade:

a) tiver a maior idade;

b) obtiver maior nota na prova didática;

c) obtiver maior nota na prova escrita.

10. DAS PUBLICAÇÕES

10.1. Todas as publicações relativas a este concurso serão afixadas em local próprio no Centro de realização das provas respectivas.

10.2. O Edital, as ementas e bibliografias serão divulgadas também no site da UDESC (<http://www.udesc.br/concursopublico/012017>).

10.3 As Bancas Examinadoras serão divulgadas também no site do Centro. O site do Centro pode ser obtido no endereço <http://www.udesc.br/unidades>.

11. DO CRONOGRAMA DAS PROVAS: LOCAL, DATA E HORÁRIO

11.1. Local: As provas ocorrerão no mesmo endereço onde foram realizadas as inscrições (**vide item 3.2 deste Edital**), em local próprio previamente divulgado no próprio Centro e no site do Centro.

11.2. Datas e Horários:

Dia	Horário	Prova
23/04/2018	08:00 às 12:00	Escrita
24/04/2018	Até às 12:00	Resultado da Prova Escrita
23/04/2018 à 25/04/2018	Até às 16:00 do dia 25/04/2018**	Entrega de documentos para a Prova de Títulos
26 e 27/04/2018	Divulgação através de publicação no Centro e no Site do Centro	Didática

(**) respeitando o horário de funcionamento do Centro de acordo com o item 3.2.

11.3. É de inteira responsabilidade comparecer com antecedência nos locais de realização de provas indicados neste Edital.

11.3.1. O candidato que não comparecer nos horários e locais determinado no cronograma previsto no item 11.2. deste Edital e divulgado no site do Centro, será automaticamente eliminado do Concurso Público.

12. DOS RECURSOS

12.1. Os recursos das provas escrita, de títulos e didática deverão ser protocolados no Setor de Protocolo do Centro de Ensino que oferta a vaga para a qual o candidato concorre, endereçado ao Presidente da Banca Examinadora do respectivo Centro, respeitando o horário de funcionamento do Centro (item 3.2.).

12.1.1. Caso o prazo do recurso recaia em final de semana, ponto facultativo ou feriado, o protocolo será postergado ao próximo dia útil.

12.2. Do resultado da prova escrita caberá recurso até às 12:00 do dia 25/04/2018.

12.2.1. A Banca Examinadora publicará o resultado do recurso da prova escrita até às 19:00 do dia 25/04/2018.

12.3. O resultado das provas de títulos e didática será divulgado em até vinte e quatro horas após o encerramento das mesmas.

12.3.1. Do resultado das provas de títulos e didática caberá recurso em até vinte e quatro horas após a divulgação do resultado das mesmas, o qual será apreciado e publicado em até vinte e quatro horas.

12.4. Do resultado final do Concurso Público caberá recurso ao Reitor, até 5 (cinco) dias após sua publicação no Centro e no site por Portaria do Reitor, por estrita arguição de ilegalidade.

12.4.1. Os recursos do resultado final do Concurso Público deverão ser protocolados no Setor de Protocolo do Centro de Ensino que oferta a vaga para a qual o candidato concorre, endereçado ao Magnífico Reitor da UDESC, respeitando o horário de funcionamento do Centro (item 3.2.).

13. DA HOMOLOGAÇÃO E PUBLICAÇÃO DO RESULTADO DO CONCURSO PÚBLICO

13.1. O resultado do Concurso Público será homologado pelo Reitor da UDESC, sendo publicado no Diário Oficial do Estado e no respectivo Centro, obedecendo a ordem de classificação dos candidatos aprovados.

14. DA NOMEAÇÃO E POSSE

14.1. Os candidatos classificados serão convocados quando se caracterizar a necessidade efetiva do preenchimento da vaga.

14.1.1. A convocação do candidato para a nomeação será feita por e-mail.

14.1.2. O candidato não localizado pelo e-mail, será contactado por telefone e, caso ainda não seja localizado, será enviada correspondência com aviso de recebimento, por Correio.

14.1.3. Em todas as opções de convocação serão utilizados os dados cadastrados na inscrição do candidato.

14.2. A nomeação do candidato será através de Portaria do Reitor, publicada no Diário Oficial do Estado, observando o disposto no Art.14 da Lei nº 6.745/85, que prevê a posse do candidato no prazo de 30 (trinta) dias após a publicação da mesma.

14.2.1. A nomeação será feita obedecendo ao que determina o Estatuto do Servidor Público (Lei nº 6.745/85), a Lei n. 8.332, de 09 de setembro de 1991, Lei Complementar n. 39, de 09 de setembro de 1991, Art. 207, §1º da Constituição da República de 1988 e a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e Lei Complementar Nº 345, de 07 de abril de 2006.

14.2.2. Para a nomeação e posse, deverão ser apresentados os seguintes documentos:

- Fotocópia autenticada do documento de identidade (carteira de identidade ou carteira nacional de habilitação ou passaporte válido);
- Fotocópia do documento eleitoral e Certidão de Regularidade com a Justiça Eleitoral, expedida pelo Tribunal Regional Eleitoral;
- Fotocópia do certificado de reservista ou dispensa de incorporação, independentemente da idade do candidato;
- Fotocópia autenticada do diploma de Graduação e de Pós-Graduação e respectivo histórico escolar. No caso de diploma estrangeiro de Graduação é necessária revalidação e diploma estrangeiro de Pós-Graduação é necessário reconhecimento.
- Fotocópia autenticada do CPF;
- Fotocópia do PIS/PASEP. Caso não seja cadastrado, deverá preencher o Formulário de Requerimento de Inclusão e/ou Alteração de Cadastro de Participante – PASEP;
- Fotocópia do comprovante de endereço residencial (fotocópia de conta de água ou luz ou telefone);
- Comprovante do número da agência e da conta bancária junto ao Banco do Brasil;
- Fotocópia autenticada de certidão de nascimento para os solteiros ou da certidão de casamento;
- Fotocópia autenticada da certidão de nascimento dos filhos menores de 18 anos;
- Laudo de Inspeção de Saúde expedido por órgão oficial do Estado (Gerência de Perícia Médica/SEA);
- Documento que comprove a data em que ocorreu o primeiro vínculo empregatício;
- Preenchimento dos seguintes formulários fornecidos pela CRH/PROAD/UDESC: Dados Cadastrais; Declaração de Bens (anexar ao formulário a última Declaração de IRPF da Receita Federal ou Declaração de Isenção escrita pelo interessado); Declaração de Não Acumulação de Cargos Públicos; Formulário de Inclusão de Dependente e Declaração de Dependência Econômica (se for o caso); Formulário de Inclusão de Dependentes sem Dependência Econômica (se for o caso); Declaração de não ter sofrido penalidades no exercício da função pública; Declaração de Antecedentes Criminais para fins de admissão em Concurso Público (solicitado no Fórum mais próximo a residência); e Declaração de Parentesco.
- Para candidato estrangeiro: À época da investidura do cargo, será observado o disposto no Art. 207, § 1º da Constituição da República ou Federal de 1988 e a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980.

14.3. O candidato deverá apresentar os documentos que comprovam o(s) título(s) exigido(s) (diploma), conforme Anexo III deste Edital, até a data da posse no cargo.

14.3.1 O documento (diploma) do curso de pós-graduação *strictu sensu* deverá ser recomendado pela CAPES.

14.4. O candidato deverá observar o limite constitucional de acumulação de cargos públicos, para efeitos da posse.

15. DA REMUNERAÇÃO:

15.1. A tabela de vencimento básica é a seguinte:

Regime de Trabalho	Assistente (Mestre)	Adjunto (Doutor)
40 horas semanais	R\$ 6.811,55	R\$ 8.855,80

FONTE: Tabela de Vencimentos atualizada pela Lei Complementar 345/2006, atualizada pela LC 682/16.

15.2. Além do salário base, o professor receberá ainda auxílio-alimentação, no valor de R\$ 29,25, por dia útil trabalhado, para uma carga horária de 40 (quarenta) horas semanais.

16. DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

16.1. A inscrição do candidato no presente Concurso implicará no conhecimento das instruções contidas neste Edital e que expressamente concorde com os seus termos.

16.2. O professor nomeado deverá atuar em no mínimo 12 (doze) horas em ensino, na área de Graduação, durante o primeiro ano de atividades na UDESC.

16.3. O Concurso Público terá validade por 2 (dois) anos, a partir da data da publicação da homologação do resultado no Diário Oficial do Estado, podendo ser prorrogado por mais 2 (dois) anos, a interesse da Instituição.

16.4. Acrescentam-se às normas do presente Edital as regras da Resolução CONSEPE 023/2009, seu Anexo Único e suas alterações.

16.5. Os casos omissos serão resolvidos pelo CONSUNI.

Florianópolis, 19 de dezembro de 2017.

Marcus Tomasi
Reitor da UDESC

ANEXO I
GABARITO DE AVALIAÇÃO PARA PROVA DE TÍTULOS

1	Titulação Acadêmica: (considera-se a maior titulação):	PONTOS	PONTUAÇÃO CANDIDATO
1.1	Doutorado com Estágio Pós-Doutoral	95	
1.2	Doutorado	85	
1.3	Mestrado	50	
Total			

2.	PRODUÇÃO ACADÊMICA:		
	ATIVIDADE	PONTOS	PONTUAÇÃO CANDIDATO
2.1	Publicações:	autor ou co-autor	
	Livro em editora internacional	30	
	Livro em editora nacional	20	
	Livro em editora local	5	
	Capítulo de livro em editora internacional	15	
	Capítulo de livro em editora nacional	10	
	Organização de livro internacional	12	
	Organização de livro nacional	10	
	Artigo publicado em periódico indexado:		
	Qualis A1	30	
	Qualis A2	26	
	Qualis B1	21	
	Qualis B2	17	
	Qualis B3	12	
	Qualis B4	8	
	Qualis B5	3	
2.2	Palestras publicadas em anais de evento técnico-científico:	autor ou co-autor	
	Internacional	10	
	Nacional	8	
2.3	Trabalho completo publicado em anais de evento técnico-científico:	autor ou co-autor	
	Internacional	8	
	Nacional	5	
2.4	Artigo de divulgação científica, tecnológica ou artística:		
	Revista	1	
	Jornal	1	
2.5	Tradução de livro publicado	5	
2.6	Tradução de artigo ou capítulo de livro publicado	1	
TOTAL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA			

3.	PRODUÇÃO ARTÍSTICA (Itens pontuáveis):
----	--

3.1	Apresentações de: Composição e arranjo original, regência, direção de peça teatral, musical, coreográfica ou desfile de moda; atuação em peça teatral, musical ou coreográfica, criação dramaturgica e cenográfica, exposição/performance/curadoria/direção de arte.			
3.2	estréia/primeira audição/premiações			
	Como pontuar:	solo	conjunto	PONTUAÇÃO CANDIDATO
	Qualis A1	30	15	
	Qualis A2	26	13	
	Qualis B1	21	10,5	
	Qualis B2	17	8,5	
	Qualis B3	12	6	
	Qualis B4	8	4	
	Qualis B5	3	1,5	
TOTAL DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA				

OBSERVAÇÕES:

1. A produção artística deve estar vinculada à área de conhecimento do objeto do concurso
2. Nenhuma produção artística pode pontuar mais que uma vez;
3. O âmbito local, nacional ou internacional diz respeito ao âmbito da apresentação e/ou ressonância/repercussão no meio acadêmico da obra;
4. A classificação em A, B ou C está relacionada às exigências:
 - I. Instituição promotora reconhecida: indicado por instância legitimadora; obra consagrada por pares (comissão organizadora e/ou curadoria; edital, convite, comissão de seleção);
 - II. abrangência da Circulação: deve incluir turnê, temporada, itinerância e/ou desdobramentos;
 - III. exigência de registro (catálogo, CD, DVD, programa, vídeo), sendo que:
 - A atende aos 3 itens;
 - B atende a 2 itens;
 - C atende a 1 item;
5. O limite máximo da produção local é 15 pontos.

4.	Produção Técnica (até 70 pontos)	Pontos até:	Limite	Pontuação Candidato
	Produto ou processo Tecnológico com patente obtida	20	20	
	Coordenação de Projeto de pesquisa/ensino/extensão aprovado por agências de fomento	10	20	
	Criação e/ou atualização de software computacional (algoritmo, sistema computacional)	10	20	
	Carta, mapa ou similares publicados	5	20	
	Produto ou processo Tecnológico sem patente obtida	4	20	
	Produto ou processo tecnológico aceito em produção industrial	4	20	
	Customização de sistema computacional (Programação utilizando Planilha Eletrônica, Sistema de Banco de Dados, etc)	3	20	
	Produto utilizando sistema computacional (mídia, multimídia, hipermídia, etc)	3	20	

	Restauração e manutenção de obra artística	3	20	
	Projeto gráfico implementado	2	20	
	Produção de desfile/CD/DVD/espetáculo teatral/rádio e TV/outros	2	20	
	Editoração de: partituras musicais, livros, anais, catálogo, periódico, outros	2	20	
	Parecer dado por consultoria ad hoc em revista e órgãos de fomento científico/tecnológico	1	20	
TOTAL DE PRODUÇÃO TÉCNICA				

5.	ATIVIDADES LIGADAS AO ENSINO:		
	ATIVIDADE	PONTOS	PONTUAÇÃO CANDIDATO
	Exercício do Magistério no Ensino Superior	03 /ano	
	Exercício do Magistério na Educação Básica	01 /ano	
	Participação como membro efetivo de banca examinadora de tese de doutorado	0,4 /banca	
	Participação como membro efetivo de banca examinadora de dissertação de mestrado ou concurso público para o magistério superior	0,2 /banca	
	Total das atividades de ensino		

6.	ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS:	PONTOS	PONTUAÇÃO CANDIDATO
	Trabalho de conclusão de curso - TCC	0,5/orientação	
	Iniciação Científica – por bolsista	0,5/bolsista	
	Monografia de curso “Lato-Sensu”	1/orientação	
	Dissertação de mestrado	3/orientação	
	Tese de doutorado	6/orientação	
	Total de orientações concluídas		

7.	ATIVIDADES PROFISSIONAIS NA AREA OBJETO DO CONCURSO:	PONTOS	PONTUAÇÃO CANDIDATO
	Exercício profissional na era de conhecimento, excetuando atividades universitárias e de docência.	02 /ano	
	Total atividades profissionais		

ANEXO II

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO

CENTRO DE ARTES - CEART	
Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
Desenho	<p>Ementa:</p> <p>Desenho Artístico de Moda - Ementa: Fatores representativos no desenho: luz/sombra, volume, perspectiva, composição. Princípio, prática e técnicas de textura e estampas com diferentes materiais. Organização espacial. Desenho de Observação. Elementos básicos do croqui. Introdução ao panejamento (movimento, caimento, características e efeitos de tecidos).</p> <p>Desenho de Moda - Ementa: Proporções e estrutura óssea/muscular para construção da representação da figura feminina, masculina e infantil estático e em movimentos (detalhamento: pés, mãos, cabelos, rosto, olhos etc...). Estudo de diferentes biótipos. Aplicação dos recursos técnico/artísticos para a representação gráfica de modelos de roupas com diferentes tipos de tecidos, texturas e estampas – panejamento. Desenho de projeção da figura de moda: de frente, de lado, de costas. Aspecto compositivo e ambientação.</p> <p>Desenho Técnico Manual - Ementa: Desenho manual da figura plana para o desenho técnico (feminina, masculina e infantil) Tipos de linhas e cotas. Representação gráfica de detalhes como: tipos mangas, golas, decotes, aviamentos entre outros; variações de godês, evasés, drapés, franzidos, pregas e plissados; peças do vestuário planejado e em escala: saia, blusa, calça, vestido, casaco e outros. Representação gráfica da textura dos fios, tecidos planos, malharia, tricôs entre outros. Interpretação do modelo de roupas de projeção da figura de moda.</p> <p>Desenho Técnico de Vestuário Informatizado - Ementa: Introdução ao desenho de moda informatizado. Desenho digital das figuras planas (feminino, masculino e infantil) para representação do desenho técnico. Representação gráfica de detalhes: tipos mangas, golas, decotes, aviamentos; variações de godês, evasés, drapés, franzidos, pregas e plissados; peças do vestuário: saias, blusas, calças, vestidos, casacos e outros. Aplicação de texturas, estampas, malharia, tricôs entre outros. Layout: desenho de moda manual com desenho técnico digital, ambientação e apresentação manual e digital.</p> <p>Técnicas de Ilustração de Moda - Ementa: Técnicas de ilustração (personalização/estilização) do desenho da figura de moda utilizando diferentes técnicas e materiais artísticos. Elementos formais e visuais para representação do produto de moda (complementos). Croqui e desenho técnico. Ilustração digital. Desenho de moda manual com tratamento digital e desenho técnico. Desenho de moda digital: vetorial e bitmap. Desenho de Coleção de Moda - Ementa: Apresentação de projetos: <i>layout</i> manual de <i>book</i> de coleção. Painel de ilustração de moda. Técnicas para</p>

	<p>apresentação do croqui, estampas, tecidos e acessórios. Montagem da coleção final (croqui manual) e desenho técnico.</p> <p>Produção de Book Digital - Ementa: Elaboração do <i>Book</i> digital de coleção de moda contendo painéis, textos, croquis, desenhos técnicos, cartela de cores e materiais.</p> <p>Bibliografia: ABLING, Bina. <i>Fashion sketchbook</i>. New York: Fairchild Publications, 1996. _____ . New York: Fairchild Publications, 2008. BORRELLI, Laird. <i>Fashion illustration now</i>. London: Thames & Hudson, 2000. BRYANT, Michele Wesen. <i>Desenho de moda: Técnicas de ilustração para estilistas</i>. Editora SENAC, 2013. CALLY, Blackman. <i>100 years of fashion illustration</i>. London: Laurence King. 2007. DAWBER, Martin. <i>Big book of fashion illustration: a soucebook of contemporary illustration</i>. London: Bastford, 2006. FARINA, M; PEREZ, C; BASTOS, D. <i>Psicodinâmica das cores em comunicação</i>, 5 ed. Sao Paulo: Edgar Blucher, 2006. FRENCH, Thomas Ewing. <i>Desenho Técnico e Tecnologia Gráfica</i>. São Paulo: Globo, 1995. 5ª ed. FARINA, M; PEREZ, C; BASTOS, D. <i>Psicodinâmica das cores em comunicação</i>, 5 ed. Sao Paulo: Edgar Blucher, 2006. FEYERABEND, F.V.; GHOSH, Frauke. <i>Ilustração de moda – Moldes</i>. Coleção GGmoda, 2014. HALLAWEL, Philip. <i>A Mão Livre à Linguagem do Desenho</i>. São Paulo: Melhoramentos, 1994. LEITE, Adriana e VELLOSO, Marta D. <i>Desenho Técnico de Roupas Feminina</i>. Rio de Janeiro: Senac, 2006. MENEGOTTO, Jose Luis; ARAUJO, Tereza Cristina Malveira de. <i>Desenho Digital: Técnica e Arte</i>. Editora Interciência, MORRIS, Bethan. <i>Fashion illustrator, manual do ilustrador de Moda</i>. São Paulo CosacNaify, 2007. TATHAM Caroline e SEAMAN Julian. <i>Corso di Disegno per Stilisti</i>. Itália: Il Castello, 2004. MORRIS, Bethan. <i>Fashion illustrator, manual do ilustrador de Moda</i>. São Paulo CosacNaify, 2007. PIPES, A. <i>Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção</i>. São Paulo: Blücher, 2010. RUCEL, Jean. <i>A Técnica o desenho</i>. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. TAMBINI, Michael. <i>O Design do Século</i>. São Paulo. Editora Ática, 2004.</p>
<p>Desenho Industrial – Desenho de Produto / Programação Visual</p>	<p>Ementa: Abordagem ergonômica de sistemas. Investigação ergonômica. O organismo humano, biomecânica e</p>

	<p>antropometria. Fatores influentes do trabalho. O entorno humano. Elementos de controle e informação. Ergonomia do produto, do projeto, nos serviços e no cotidiano. Ergonomia cognitiva.</p> <p>Estudo do desenho como percepção, comunicação, investigação e ação. Estudo de conceitos, definições, funções e taxonomia do desenho aplicados ao processo projetual em Design. Estudo e experimentações de materiais, instrumentos, técnicas, processos e reprodução em desenho. A leitura e análise do desenho e sua relação com o usuário.</p> <p>Funções do desenho e do desenho técnico. Instrumentos e materiais do desenho. Caligrafia técnica. Normas de representação técnica. Projeções ortogonais. Cotas. Cortes e Seções.</p> <p>Formas de representação dos objetos, visando orientar a fabricação de produtos e componentes. Cotagem e notas. Elementos de fixação móveis e permanentes. Elementos de máquinas.</p> <p>Bibliografia: BASTIEN, C. & SCAPIN, D. Human factors criteria, principles, and recommendations for HCI: methodological and standardization issues. (Internal Report). INRIA. 1993. BORNANCINI, J. Desenho Técnico Básico. Ed Sulina. Porto Alegre. DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Designio. São Paulo: Ed. SENAC, 2007. FRENCH, Thomas Ewing; VIERCK, Charles J. Desenho técnico e tecnologia gráfica. 2.ed. São Paulo: Globo, 1989. 1093p. GRANDJEAN, Etienne. Manual da Ergonomia: adaptando o trabalho ao homem. São Paulo: Artmed - Bookman, 2004. IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. PIPES, Alan. Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção. São Paulo: Blucher, 2010. SPECK, José H.; PEIXOTO, Virgílio V. Manual Básico de Desenho Técnico. Ed. UFSC. Fpolis, 1977. WONG, Wucius. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.</p>
<p>Fundamentos e Crítica de Arte – Teoria da Arte / História da Arte / Crítica de Arte</p>	<p>Ementa: História da arte: do antigo ao contemporâneo. Estilos, escolas e movimentos: das centralidades europeias ao pós-colonial e aos hibridismos. Pensamento Plástico, Estética e Crítica de arte: articulações do dizer e ver.</p> <p>Bibliografia: ALPERS, Svetlana. A arte de descrever. S.P.: EDUSP, 1999 ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. S.P: Cia das Letras 1992. AGRA, Lucio. História da arte do século XX. S. p: Anhembi-Morumbi, 2004. ARCHER, Michael. Arte contemporânea. S.P.: Martins</p>

	<p>Fontes, 2001.</p> <p>BAUDRILLARD, J. A arte da desapareição. R.J.: UFRJ, 1997.</p> <p>BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. R.J.: Zahar, 2001.</p> <p>BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. S.P.: Brasiliense, vl I a III, 1985 a1989.</p> <p>CHALUMEAU, Jean Luc. As teorias da Arte. Lisboa, Piaget s/d</p> <p>CHIAMPI, Irlemar (coord.) Fundadores da modernidade. S.P.: Atica, 1991.</p> <p>COELHO, José Teixeira. Moderno e pós moderno no Brasil. S.P.: Ed. Iluminuras, 2000.</p> <p>DEMPSEY, Amy. Estilos, Escolas & Movimentos. S.P.: Cosac & Naify, 2003</p> <p>DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. S.P.: ed. 34, 1998</p> <p>DUARTE, Paulo. Sérgio& Salles. Arte brasileira contemporânea. R.Janeiro: Sílvia Roesles Ed. de arte, 2008.</p> <p>FERREIRA, G. & COTRIM, C. Escritos de artistas. R.J.: Zahar, 2006</p> <p>FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. R. J.: Forense, 2001.</p> <p>GOMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2008.</p> <p>_____. Meditações sobre um cavaleiro de pau. S.P., EDUSP, 1999.</p> <p>KRAUSS. Rosalind. Caminhos da Escultura moderna. S.P.: Martins Fontes, 1998</p> <p>_____. Os papéis de Picasso. S.P.: Iluminura 2006.</p> <p>LICHTENSTEIN, J. (dir) A pintura. Textos essenciais. São Paulo: Ed 34. 2004, vl. I a XIV</p> <p>O'DOHERTY, Brian. No interior do cubo branco. S.P.: Martins Fontes, 2002.</p> <p>PANOFSKY, Erwin. Significado das artes visuais. S.P. Perspectiva, 1991.</p> <p>SHAPIRO, Meyer. A arte moderna, séculos XIX e XX. São Paulo: EDUSP, 1996</p> <p>WALTHER, I. (org). Arte no século XX. Lisboa Taschen,1999. 2v.</p> <p>_____.Obras-Primas da Pintura Ocidental. Lisboa: Taschen. 2002.</p>
<p>Música – Educação Musical</p>	<p>Ementa:</p> <p>Identidade docente e espaços de atuação profissional na área de educação musical. Papel formador e transformador da educação musical. Investigação e análise de práticas educativas em diferentes contextos de educação musical. Planejamento e prática docente supervisionada. Observação, interação e problematização de situações pedagógicas no âmbito da educação musical escolar e não escolar. Processos criativos e seu papel na educação e no desenvolvimento musical. Registro e reflexão crítica sobre o processo de estágio. Educação Musical na escola regular: políticas públicas, desafios e propostas. Música na escola: educação infantil, fundamental, médio, EJA e educação especial e inclusiva.</p>

	<p>Bibliografia:</p> <p>Documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em discussão, relativos à área de Artes/Música</p> <p>BRITO, Teca Alencar de. <i>Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical</i>. Sao Paulo: Peirópolis, 2001.</p> <p>BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina (Eds.). <i>Teaching Music Creatively</i>. New York: Routledge, 2013.</p> <p>GREEN, L. <i>Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy</i>. Hampshire: Ashgate, 2008.</p> <p>LOURO, Viviane. <i>Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência</i>. São Paulo: Editora SOM, 2012.</p> <p>MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (org). <i>Práticas de Ensinar Música</i>. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.</p> <p>MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). <i>Pedagogias em Educação Musical</i>. Curitiba: Intersaberes, 2012.</p> <p>PENNA, Maura. <i>Música(s) e seu ensino</i>. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.</p> <p>PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org.). <i>Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores</i>. São Paulo: Cortez, 2011.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho</i>. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.</p> <p>SANTOS, Márcia Regina. <i>Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical</i>. Porto Alegre: Sulina, 2007.</p> <p>SCHAFER, Murray. <i>O ouvido pensante</i>. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.</p> <p>SOUZA, Jusamara. <i>Aprender e ensinar música no cotidiano</i>. Porto Alegre: Sulina, 2008.</p> <p>SWANWICK, Keith. <i>Música, mente e educação</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.</p> <p>Periódicos e Anais:</p> <p>Revista Música na Educação Básica (MEB), da ABEM.</p> <p>Revista da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical)</p> <p>Anais dos encontros e congressos da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical)</p> <p>Opus - Revista da ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música)</p>
<p>Teoria Teatral</p>	<p>Ementa:</p> <p>Origens do teatro. O teatro das primeiras civilizações. O teatro medieval: religioso, profano e as manifestações religiosas. O renascimento teatral no ocidente. <i>Commedia dell' Arte</i>. O século de ouro. O teatro renascentista. O teatro elisabetano. O teatro clássico e barroco francês. Desenvolvimento da comédia burguesa. O teatro romântico. O realismo. O naturalismo. O simbolismo. O expressionismo. O teatro comprometido. O teatro dos diretores. O teatro e a vida teatral na segunda metade do século XX. A diversidade das tendências contemporâneas. O teatro jesuítico. Os séculos XVII e XVIII – o teatro colonial. O império e a construção de um teatro nacional: a comédia e o drama. Realismo: um teatro de tese e os valores</p>

nacionais. A comédia de costumes. O simbolismo. O teatro de revista no século XIX e início do século XX. As três primeiras décadas do século XX. O teatro e os projetos de modernização do Brasil. Uma nova sintonia com a Europa: modernizar o teatro brasileiro em acordo com as vanguardas históricas. A busca de um teatro de equipe – os grupos amadores. Rejeição ao teatro tradicional. Presença estrangeira: um novo olhar para o Brasil. O ícone da modernidade no teatro Brasileiro: Os Comediantes. Um teatro para a elite paulista: TBC. A expansão dos projetos de modernidade teatral pelo Brasil. O projeto nacional desenvolvimentista. Novos grupos e outros públicos – 1950/1960. O teatro busca o caminho popular de engajamento político: o teatro vai ao povo. O golpe de 1964: a censura e o teatro vigiado. O teatro possível – comercial e experimental. A década de 1980 e a abertura política, novos grupos e novos públicos. Anos 90 e a pluralidade de tendências.

Bibliografia:

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica, teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERLINCK, Manuel T. CPC-UNE. Campinas: Papirus, 1984.

BERTHOLD, Margot. História mundial do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRAGA, Cláudia. Em busca da brasilidade: teatro brasileiro na Primeira República. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAFEZEIRO, Edwaldo e Carmem Gadelha. História do teatro brasileiro: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/EDUERJ/FUNARTE, 1996.

CARLSON, Marvin. Teorias do teatro. São Paulo: Unesp, 1997.

CHARLE, Christophe. A gênese da sociedade do espetáculo. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

CHARTIER, Roger. Do palco à página, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____. A história cultural, São Paulo: Difel, 2002.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

COSTA, Cristina. Censura em cena (teatro e censura no Brasil), SP, Edusp/Fapesp, 2006.

COSTA, Iná Camargo. A hora do teatro épico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FARIA, João Roberto et ali. História do teatro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. Ideias Teatrais, o século XIX no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder. Rio de Janeiro: Design Editorial, 2002.

	<p>FAUSTO, Boris. A História do Brasil. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2002.</p> <p>FERNANDES, Sílvia. Grupos teatrais – anos 70. São Paulo: Unicamp, 2000.</p> <p>FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 2002.</p> <p>GARCIA, Silvana. Teatro da militância: a intenção do popular no engajamento político. São Paulo: Perspectiva, 2004.</p> <p>GIOVANNI, Julia Ruiz di. Artes do impossível. Protesto de rua no movimento antiglobalização. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012.</p> <p>HOBBSAWN, Eric. A era das revoluções. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.</p> <p>HOLLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil, São Paulo: Cia. das Letras, 1995.</p> <p>LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 2003.</p> <p>MAGALDI, Sábado. Panorama do teatro brasileiro. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, s/d.</p> <p>PRADO, Décio de Almeida. História concisa do teatro brasileiro (1570-1908). São Paulo: EdUSP/Imprensa Oficial, 1999.</p> <p>_____. Teatro de Anchieta a Alencar. São Paulo: Perspectiva, 1993.</p> <p>_____. O teatro brasileiro moderno. São Paulo: Perspectiva, 1996.</p> <p>RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.</p> <p>ROSENFELD, Anatol. Mito e o herói no moderno teatro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 1996.</p> <p>SILVA, Ermínia. O circo teatro – Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil. São Paulo: Altana, 2007.</p> <p>SIMÕES, Giuliana. Veto ao modernismo no teatro brasileiro. São Paulo: Hucitec, 2010.</p> <p>VENEZIANO, Neyde. O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções. Campinas: Unicamp/Pontes, 1991.</p> <p>VILLEGAS, Juan. Historia multicultural del teatro y las teatralidades en América Latina. Buenos Aires: Galerna, 2005.</p> <p>WARNKE, Martin. O artista de corte. São Paulo: Edusp, 2001.</p>
--	--

CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS - CAV	
Área de conhecimento	Ementas/Bibliografia
Biologia e Manejo de Plantas Daninhas	<p>Ementa:</p> <p>Conceitos e biologia das plantas daninhas. Ecofisiologia das plantas daninhas, relação das plantas daninhas entre si e com seu ambiente. Ecologia, princípios de competição e interferência entre plantas. Classificação e características gerais das plantas daninhas, reprodução e dispersão. Estratégias de adaptação, genética e evolução de plantas</p>

daninhas. Biologia de sementes no solo (“Banco de sementes”), germinação e ciclo de vida das plantas daninhas. Princípios de erradicação, prevenção e controle. Manejo Integrado de Plantas daninhas. Potencial da alelopatia como ferramenta de controle de plantas daninhas. Resistência de plantas daninhas a herbicidas. Mecanismos de absorção e translocação de herbicidas nas plantas. Seletividade de herbicidas em plantas. Mecanismos de ação dos herbicidas. Conceitos básicos sobre toxicologia de agrotóxicos. Avaliação toxicológica de agrotóxicos. Medidas gerais de proteção ao usuário e consumidor de produtos tratados com agrotóxicos. Uso adequado dos agrotóxicos. Recomendação para armazenagem e transporte. Descarte de embalagens. Receituário agrônomo. Avaliação de impacto ambiental por uso de agrotóxicos na agricultura.

Bibliografia:

AGOSTINETTO, D.; VARGAS, L. Resistência de plantas daninhas a herbicidas no Brasil. Pelotas: Editora UFPel, 2014. 398p.

ALMEIDA, F.S. A alelopatia e as plantas. Londrina, IAPAR, 1986.

ANDEF. Manual de tecnologia de aplicação. Associação Nacional de Defesa Vegetal. Campinas, São Paulo: LineaCreativa, 2004. 50p.

ANDEF. Manual de uso correto e seguro de produtos fitossanitários. Associação Nacional de Defesa Vegetal. São Paulo: LineaCreativa, 2002. 26p.

AZEVEDO, L.A.S. Misturas de tanque de produtos fitossanitários: teoria e prática. Rio de Janeiro: IMOS, 2015, 230p.

CASTANHEIRA, L.C.; CONCEIÇÃO, M.Z. Uso correto e seguro dos produtos fitossanitários. Brasília: Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior. 1994.v. 4.

CHRISTOFFOLETI, P.J.; NICOLAI, M. (Coord.). Aspectos de resistência de plantas daninhas a herbicidas. 4.ed. Piracicaba: Associação Brasileira de Ação a Resistencia de Plantas aos herbicidas, 216. 262p.

COUSENS, R. & MORTIMER, M. Dynamics of weed populations. Cambridge University Press, 1995, 332 p.

DUKE, S.O. (ed.) Weed Physiology: reproduction and ecophysiology. Boca Raton: CRC Press, 1985, v.1, 176 p.

GRACE, J.B.; TILMAN, D. (eds.) Perspectives in plant competition. New York: Academic Press, 1990.

KISSMANN, K.G.; GROTH, D. Plantas infestantes e nocivas. 2. ed. São Paulo: BASF, 1999. (tomos 1 a 3).

LIEBMAN, M.; MOHLER, C.L.; STAVER, C.P. Ecological management of Agricultural Weeds. New York: Cambridge University Press, 2001, 532 p.

LORENZI, H. Manual de identificação e controle de plantas daninhas: plantio direto e convencional. São Paulo, Plantarum, 1990.

LORENZI, H. Manual de identificação e controle de plantas daninhas. Piracicaba: 2000. 240p.

LORENZI, H. Manual de identificação e controle de plantas daninhas: plantio direto e convencional. 7. ed. Nova Odessa:

	<p>Plantarum, 2014. 383 p.</p> <p>MONQUERO, P. A. Aspectos da biologia e manejo das plantas daninhas. São Carlos: RiMa Editora, 2014. 430 p.</p> <p>MONQUERO, P. A. Manejo de plantas daninhas nas culturas agrícolas. São Carlos: RiMa Editora, 2014. 306 p.</p> <p>OLIVEIRA Jr, R.S.; CONSTANTIN, J. Plantas daninhas e seu manejo. Guaíba: 2001. 362p.</p> <p>OLIVEIRA JR.,R.S., CONSTANTIN, J., INOUE, M.H. Biologia e Manejo de Plantas Daninhas. Curitiba: Omnipax Editora, 2011. 348p.</p> <p>RADOSEVICH, S.R.; HOLT, J.S.; GHERSA, C.M. Ecology of Weeds and Invasive Plants. New York: Wiley, 2007. 454p.</p> <p>RAMOS, H.H. Tecnologia de aplicação de agrotóxicos. Fitopatologia Brasileira 25: 275-284. 2000.</p> <p>SILVA, A.A.; SILVA, J.F. Tópicos em manejo de plantas daninhas. Viçosa: Editora da UFV, 2007.</p> <p>VARGAS, L.; ROMAN, E.S. Manual de manejo e controle de plantas daninhas. Passo Fundo: EMBRAPA Trigo, 2008. 779p.</p> <p>VIDAL, R.A. Ação dos herbicidas: absorção, translocação e metabolização. Porto Alegre, Evangraf, 2002.</p> <p>VIDAL, R.A. Herbicidas: mecanismos de ação e resistência de plantas. Porto Alegre, 1997.</p> <p>VIDAL, R.A. Interação negativa entre plantas: inicialismo, alelopatia e competição. Porto Alegre: Evangraf, 2010.</p> <p>VIDAL, R.A.; MEROTTO JR., A. Herbicidologia. Porto Alegre, Evangraf, 2001.</p>
<p>Doenças Parasitárias de Animais</p>	<p>Ementa:</p> <p>Introdução ao estudo da Parasitologia e regras de nomenclatura zoológica. Estudo teórico e prático da morfologia e biologia dos principais parasitas pertencentes ao Phylum Nematelminthes, Phylum Acantocephala e Phylum Platyhelminthes, de importância em Medicina Veterinária e Saúde Pública. Estudo teórico e prático da morfologia e biologia dos principais parasitas pertencentes ao Phylum Arthropoda e Phylum Protozoa, de importância em medicina veterinária e Saúde Pública. Diagnóstico clínico e laboratorial das helmintoses, protozooses, aracno-entomozooses dos animais domésticos e de interesse em saúde pública, bem como aspectos de biologia, sintomatologia, patologia, tratamento, profilaxia e saúde pública.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>ACHA, P.N.; Szyfres, B. Zoonoses and communicable diseases common to man and animals. 3 ed. Washington DC: PAHO, 2003. Volume III. Parasitoses. Scientific and Technical Publication No. 580</p> <p>BOWMAN, D. D. Parasitologia Veterinária de Georgis. Manole, 2006.</p> <p>CAMPILLO, M. C. Parasitologia Veterinaria. McGraw- Hill, Interamericana, Madrid, 2001.</p> <p>FLECHTMANN, C. H. W. Ácaros de Importância Médico-Veterinária. São Paulo: Nobel, 1973. 192p.</p> <p>FOREYT, W.J. Parasitologia Veterinária: Manual de Referência. 5 ed. São Paulo: Roca, 2005.</p>

	<p>FORTES, E. Parasitologia Veterinária. 4 ed. São Paulo: Ed. Ícone, 2004., 686p.</p> <p>FREITAS, M. G. et al. Entomologia e Acarologia Médica e Veterinária. 4. ed. ver. Belo Horizonte: Rabelo e Brasil, 1978. 253p.</p> <p>MARANHÃO, Z. C. Morfologia Geral dos Insetos. São Paulo: Nobel, 1978. 396p.</p> <p>PESSOA, S. B.; MARTINS, A. V. Pessôa Parasitologia Médica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. 872p.</p> <p>REY, L. Parasitologia. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>SOULSBY, E.J.L. Helminths, Arthropods and Protozoa of Domesticated Animals. London: Bailliére, Tindall e Cassel, 1982.</p> <p>URQUHART, G.M., et al. Parasitologia Veterinária. Guanabara Koogan. 1998.</p>
<p>Engenharia Civil</p>	<p>Ementa:</p> <p>Resistência dos Materiais: Sistemas de Força Equivalentes. Equilíbrio de um Corpo Rígido. Treliças. Centro de Gravidade e Centróide. Momentos de Inércia. Tensão. Deformação. Propriedades Mecânicas dos Materiais. Carga Axial. Torção. Flexão. Cargas Combinadas. Análise de Tensões. Deformações em Vigas. Flambagem.</p> <p>Teoria das Estruturas: Morfologia das Estruturas. Estática aplicada às estruturas. Esforços. Linhas de Estado. Estruturas Isostáticas. Estruturas Hiperestáticas. Estruturas de Aço, Concreto e Madeira: aplicações, estruturas típicas, propriedades físicas e mecânicas, normas, dimensionamento, ligações, estados limites e de utilização. Análise Matricial das Estruturas. Algoritmos e Análise por Computador.</p> <p>Materiais e Métodos de Construção: Qualidade e desempenho na construção civil, materiais e meio ambiente. Fundamentos de ciência dos materiais, estrutura atômica e molecular dos materiais, propriedades físicas e mecânicas dos materiais, mecânica da fratura. Materiais cerâmicos. Aglomerantes minerais. Materiais compósitos de aglomerantes minerais. Metais. Madeiras. Polímeros. Materiais compósitos de polímeros. Materiais não convencionais. Materiais de construção do futuro. Controle de qualidade. Reciclagem e Reaproveitamento. Técnicas de construção de estruturas e sistemas de Engenharia. Contratos de construção civil. Princípios de Segurança do Trabalho aplicados à construção de estruturas e sistemas de Engenharia.</p> <p>Projeto de Instalações Prediais Hidrossanitárias: Normas e Leis Regulamentares. Análise e projeto de instalações prediais de água fria, água quente, esgoto sanitário primário e secundário, instalações de gás, proteção contra incêndio e drenagem de águas pluviais. Piscinas particulares e condominiais: concepção, hidráulica e tratamento de água. Projeto completo dessas instalações.</p> <p>Bibliografia:</p>

Resistência dos Materiais:
HIBBELER, R. C. Resistência dos materiais. 7ª ed. São Paulo: Ed. Pearson, 2009.
BEER, F. P.; DEWOLF, J. T.; JOHNSTON, E. R. Jr.. Mecânica dos Materiais. 4ª ed. Ed. Mcgrawhill-Artemed, 2010.
BOTELHO, M. H. C. Resistência dos materiais - para entender e gostar. Ed. Edgard Blucher, 2008.
GERE, James M; GOODNO, Barry J. Mecânica dos materiais. 7. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
BEER, Ferdinand Pierre; JOHNSTON, E. Russell; DEWOLF, John T. Resistência dos materiais: mecânica dos materiais. 4ªed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
PINTO, João Luiz Teixeira. Compêndio de resistência dos materiais. São José dos Campos: Univap, 2002.
GARCIA, Amauri; SANTOS, Carlos Alexandre dos; SPIM, Jaime Alvares. Ensaio dos materiais. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2000.
GERE, James M. Mecânica dos materiais. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
UGURAL, A. C. Mecânica dos materiais. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

Teoria das Estruturas:
MARTHA, Luiz Fernando. Análise de estruturas: conceitos e métodos básicos. Rio de Janeiro: Campus, 2010.
SUSSEKIND, J. C. Curso de análise estrutural. Vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1994.
MACHADO JÚNIOR, E. F. Introdução à isostática. 11ª. ed. São Paulo: EESC/USP. Projeto Projeto REENGE, 1999.
HIBBELER, R. C. Estática: mecânica para engenharia. 12. ed. São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 2011.
FILGUEIRAS, M. V. M. Problemas de teoria das estruturas. Rio de Janeiro: Ed. UGF, 1992.
DARKOV, A. Curso de mecânica das estruturas. Ed. Lopes da Silva Editora, 1982.
CAMPANARI, F. A.. Teoria das estruturas. Rio de Janeiro,; Ed. Guanabara Dois, 1985.
ENGEL, Heino. Sistemas de estructuras = Sistemas estruturais. Barcelona, Espanha: GG, 2001.

Materiais e Métodos de Construção:
ISAIA, G. C. ; Instituto Brasileiro do Concreto (IBRACON). Materiais de construção civil e princípios de ciência e engenharia de materiais. São Paulo: Ed. Ibracon, 2007.
ASSED, J. A. ; ASSED, P. C. Construção civil: metodologia construtiva. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
BERTOLINI, Luca. Materiais de construção: patologia, reabilitação, prevenção. São Paulo: Oficina de Textos, 2010.
COSTA, M. A. da. Contabilidade da construção civil e atividade imobiliária. 2ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2005.
HENDRIKS, C. F.; NIJKERK, A. A.; VAN KOPPEN, A. E. O ciclo da construção. Brasília, DF: Unb, 2007.
FREIRE, Wesley Jorge; BERALDO, Antonio Ludovico. Tecnologias e materiais alternativos de construção. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

	<p>PATTON, W. J. Materiais de construção para engenharia civil. São Paulo: Ed. USP, 1978.</p> <p>VAN VLACK, Lawrence H. Princípios de ciência dos materiais. São Paulo: Edgard Blücher, 2008.</p> <p>Projeto de Instalações Prediais Hidrossanitárias: MACINTYRE, A. J. Instalações hidráulicas: prediais e industriais. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2010.</p> <p>CREDER, Hélio. Instalações hidráulicas e sanitárias. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2006.</p> <p>GABRI, C. Projeto e instalações hidro-sanitárias. Ed. Hemus, 2004.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Instalação prediais de esgoto sanitário: projeto e execução. Rio de Janeiro: ABNT, 1999.</p> <p>Gonçalves, Orestes Marraccini; Execução e manutenção de sistemas hidráulicos prediais. São Paulo: Pini, 2000.</p> <p>BAPTISTA, Márcio; COELHO, Márcia Maria Lara Pinto. Fundamentos de engenharia hidráulica. 3. ed., rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.</p> <p>SALGADO, Julio Cesar Pereira. Instalação hidráulica residencial: a prática do dia-a-dia. São Paulo: Érica, 2010.</p> <p>MANUAL técnico Tigre: orientações técnicas sobre instalações hidráulicas prediais. Joinville: Tigre, 2008.</p>
<p>Gestão Ambiental</p>	<p>Ementa:</p> <p>Planejamento e Gestão Ambiental: Histórico da questão ambiental. Políticas de desenvolvimento e ambiente. Política Nacional do Meio ambiente: Princípios e Instrumentos. Planejamento Ambiental. Contextualização do planejamento ambiental no Brasil e em Santa Catarina. Dimensões e métodos de Planejamento Ambiental. Gestão Ambiental. Sistemas de Gestão Ambiental. Certificações Ambientais. Análise do Ciclo de Vida do Produto. Produção mais limpa. Rotulagem Ambiental e Marketing Verde.</p> <p>Auditoria Ambiental: Introdução à Auditoria Ambiental. Diretrizes ambientais e as auditorias. Produção Mais Limpa (P+L). Classificação das auditorias. Auditoria Ambiental no Setor Produtivo. Auditoria de sistemas de gestão ambiental. Critérios de auditoria. Resultados das auditorias. Uso estratégico. Pré-Auditoria. Análise de documentação. Auditoria de adequação. Auditoria de conformidade. Atividades de Pós- Auditoria. Auditor Ambiental. Qualificação de auditores. Auditoria nos Processos de Produção e Distribuição. Auditoria nos Processos de Desenvolvimento de Produtos. Auditoria de Produtos Controlados. Auditoria em Sistemas de Tratamento de Poluentes. Auditoria em Sítios Contaminados. Auditoria em Edificações. Auditoria em Segurança do Trabalho.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Planejamento e Gestão Ambiental DIAS, R. Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade. 2ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2011. ALBUQUERQUE, J. de L. Gestão ambiental e responsabilidade social: conceitos, ferramentas e aplicações. São Paulo: Ed. Atlas, 2009.</p>

	<p>SEIFFERT, M. E. B. ISO 14001: sistemas de gestão ambiental: implantação objetiva e econômica. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. Atlas, 2007.</p> <p>POLETO, C. Introdução ao gerenciamento ambiental. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2010.</p> <p>CAMPOS, Lucila Maria de Souza; LERÍPIO, Alexandre de Ávila. Auditoria ambiental: uma ferramenta de gestão. São Paulo: Ed. Atlas, 2009.</p> <p>SANTOS, R. F. dos. Planejamento ambiental: teoria e prática. São Paulo: Oficina de textos, 2004.</p> <p>BRUNA, G. C., ROMÉRO, M. de A., PHILIPPI Jr., A. Curso de gestão ambiental. Barueri: Manole, 2004.</p> <p>ROSS, Jurandyr L. Sanches. Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.</p> <p>Auditoria Ambiental</p> <p>ALMEIDA, Josimar Ribeiro de. Normalização, certificação e auditoria ambiental. Rio de Janeiro: Ed. Thex, 2008.</p> <p>BARBIERI, José Carlos. Gestão Ambiental Empresarial: Conceitos, modelos e instrumentos. São Paulo: Ed. Saraiva, 2006.</p> <p>CAMPOS, Lucila Maria de Souza & LERÍPIO, Alexandre de Ávila. Auditoria Ambiental – Uma Ferramenta de Gestão. São Paulo: Ed. Atlas, 2009.</p> <p>RIBEIRO, Maísa de Souza. Contabilidade ambiental. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010.</p> <p>DERÍSIO, José Carlos. Introdução ao controle de poluição ambiental. São Paulo: Ed. Signus, 2007.</p> <p>PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; ROMÉRIO, Marcelo de Andrade; BRUNA, Gilda Collet. Curso de Gestão Ambiental. Barueri – SP: Ed. Manole LTDA, 2004.</p> <p>SANCHEZ, Luis Enrique. Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.</p> <p>GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. Impactos ambientais urbanos no Brasil. 5ª ed. -. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2009.</p>
<p>Proteção Florestal</p>	<p>Ementa:</p> <p>Proteção Florestal</p> <p>Introdução à Entomologia Florestal. Métodos de controle de pragas. Manejo Integrado de pragas florestais (pragas de sementes, viveiros, cupins de raiz, serradores e broqueadores, lagartas e besouros desfolhadores, sugadores de seiva, formadores de galhas, formigas cortadeiras, cupins e carunchos de madeira,). História da patologia florestal no Brasil. Doenças abióticas ou de causas não-parasitárias. Sintomatologia e Etiologia. Identificação e controle de doenças em essências florestais e espécies utilizadas em reflorestamento e nativas. Patologia das principais doenças em espécies florestais.</p> <p>Entomologia Florestal</p> <p>Princípios básicos de entomologia. Morfologia e fisiologia dos aparelhos digestivos, respiratório, circulatório, excretor e reprodutor. Tipos de reprodução e metamorfose. Estudo da entomofauna: ordens dos insetos de interesse agro-florestal. Pragas das essências florestais naturais e plantadas, suas</p>

interações e medidas de controle às pragas.

Fitopatologia Florestal

Agentes causais de doenças florestais parasitárias. Princípios de micologia para reconhecimento dos principais gêneros de fungos patógenos florestais. Bacteriologia. Virologia. Nematologia. Sintomatologia das doenças florestais. Etiologia. Epifitologia. Princípios de controle de doenças. Controle de enfermidades com fungicidas e ematicidas. Resistência de plantas no controle de enfermidades. Doenças florestais de causas não-parasitárias. Manejo das doenças em viveiros de mudas florestais.

Bibliografia:

Proteção Florestal

BERGAMIN FILHO, H. KIMATI, AMORIM, L. (Eds). 1995. Manual de Fitopatologia. Vol 1. Ed. Agronômicas Ceres, São Paulo, 919 pp.

BLANCHARD, R.O. & Tattar, T.A.; 1981. Field and Laboratory Guide to Tree Pathology. Academic Press, New York, 285 pp.

FERREIRA, F.A. 1989. Patologia Florestal - Principais Doenças Florestais no Brasil. Sociedade de Investigações Florestais, Viçosa. 570 pp.

ANJOS N. Entomologia Florestal Brasileira. Universidade Federal de Viçosa CCA/DBA. Viçosa - MG. 2003. 53p.

GALLO, D.; NAKANO, O.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R.D.L.; BATISTA, G.C. de; BERTI

FILHO, E.; PARRA, J.R.P.; ZUCCHI, R.A.; ALVES, S.B.; VENDRAMIN, J.D.; MARCHINI, L.C.; LOPES, J.R.S. & OMOTO, C. 2002. Entomologia Agrícola. Piracicaba, FEALQ, 920 p.

SOARES, R. V. Incêndios Florestais - Controle e uso do fogo. Curitiba, FUPEF, 1985. 213 p.

ALVES, S.B. Controle Microbiano de Insetos. S. Paulo 1a. Ed. Manole, 407p. 1986.

ANDREI, E.; Compêndio de Defensivos Agrícolas. Organização Andrei Editora, 1987. 492p.

Entomologia Florestal

GALLO, D. et al. Entomologia Agrícola. Piracicaba: FEALQ, 2002. 920p.

COSTA, E.C. Entomologia Florestal. Santa Maria: UFSM, 2008. 239p.

TRIPHEHORN, A.C.; JOHNSON, N. Estudo dos insetos. Borrer and DeLong's: Introduction to the study of insects. 2011.

ALMEIDA, L.M.; RIBEIRO-COSTA, C.S.; MARINONI, L. Manual de coleta, conservação, montagem e identificação de insetos. Ribeirão Preto: Holos, 2003. 88p.

ALVES, S.B. Controle microbiano de insetos. Piracicaba: Manole, 1986. 407p.

BUZZI, Z.J. Entomologia didática. Curitiba: UFPR, 1985/1993 (2 ed.).

CHAPMAN, R.F. The insects: structure and function. NY: Cambridge University Press, 1998. 770p.

GULLAN, P.J.; CRANSTON, P.S.; MCINNES, K.H. Os insetos: um resumo de entomologia. São Paulo: Roca, 2008. 440p.

	<p>LARA, F.M. Princípios de resistência de plantas a insetos. São Paulo: Ícone, 1991. 336p.</p> <p>MORAES, G.J.; FLECHTMANN, C.H.W. Manual de acarologia: acarologia básica e ácaros de plantas cultivadas no Brasil. Ribeirão Preto: Holos, 2008. 288p.</p> <p>PARRA, J.R.P. et al. Controle Biológico no Brasil: parasitóides e predadores. Barueri: Manole, 2002. 609p.</p> <p>PARRA, J.R.P.; PANIZZI, A.R. Bioecologia e nutrição de insetos: base para o manejo integrado de pragas. Brasília: EMBRAPA, 2009. 1.164p.</p> <p>PEDIGO, L.P. Entomology and Pest Management. Upper Saddle River: Person Prentice Hall, 2009. 784p.</p> <p>VILELA, E.F.; ZUCCHI, R.A.; CANTOR, F. Histórico e impacto das pragas introduzidas no Brasil. Ribeirão Preto: Holos, 2001. 173p.</p> <p>ZANUNCIO, J.C.; ESALQ; Sociedade de Investigações Florestais. Manual de pragas em florestas. Viçosa: IPEF: SIF, 1993. Volume 1 e 2.</p> <p>Fitopatologia Florestal</p> <p>BERGAMIN FILHO, A.; KIMATI, H.; AMORIM, L. Manual de Fitopatologia – Princípios e conceitos. Vol. 1, São Paulo: Agronômica Ceres Ltda. 3 ed. 919p. 1995.</p> <p>KIMATI, H.; AMORIM, L.; REZENDE, J.A. M.; BERGAMIN FILHO, A.; CAMARGO, L.E.A. Manual de Fitopatologia – Doenças de Plantas Cultivadas. Vol. 2, São Paulo: Agronômica Ceres Ltda. 4 ed. 663p. 2005</p> <p>FERREIRA, F. A. Patologia Florestal. Soc. Inv. Cient.. Viçosa. 570 p. 1989</p> <p>AFENAS, A.C.; ZAUZA, E.A.V.; MAFIA, R.G.M.; ASSIS, F.T. Clonagem e Doenças do Eucalipto. Viçosa: UFV. 1 ed. 442 p. 2004.</p> <p>AGRIOS, G. N. Plant pathology. 6th ed. San diego: academic press,2004, 635p.</p> <p>ALFENAS, A.C.; ZAUZA, E.A.V. Doenças do eucalipto. Viçosa: sif,2007. 164p</p> <p>SANTOS, A. F. 1990. Doenças da seringueira no Brasil. Embrapa CCAA. Manaus. 169 p.</p> <p>ROMEIRO, R.S. Bactérias fitopatogênicas. 2 ed. Viçosa: ufv, 2005. 417p.</p> <p>ALFENAS, A.C.; ZAUZA, E.A.V. Doenças do eucalipto. Viçosa: sif, 2007. 164p.</p> <p>MENDES, M.A.S. Fungos em plantas no brasil. Brasília: serviço de produção de informação, 1998. 555p.</p>
--	--

CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOECONÔMICAS - ESAG	
Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
Administração Pública e Coprodução	<p>Ementa:</p> <p>Conceito, modelos e teorias da Administração Pública. Administração Pública e Coprodução do bem público. Planejamento e gestão pública. Trajetória e reformas na Administração Pública. Ciclo de políticas públicas. Avaliação e indicadores na Administração Pública. <i>Accountability</i> e democracia. Transparência, controle,</p>

responsabilidade e responsividade na Administração Pública. Relação Estado-sociedade civil.

Bibliografia:

ABRUCIO, Fernando Luiz; LOUREIRO, Maria Rita. Finanças públicas, democracia e *accountability*. In: ARVATE, Paulo Roberto; BIDERMAN, Ciro. Economia do Setor Público no Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

BRESSER PEREIRA, L. C.; SPINK, P. Reforma do Estado e Administração Pública Gerencial. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BUARQUE, Sergio C. Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 177 p.

COSTIN, Claudia. Administração pública. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DAGNINO, Evelina. Sociedade civil e espaços públicos no Brasil. São Paulo: Paz e Terra: UNICAMP/IFCH, 2002.

DENHARDT, R. Teorias da Administração Pública. 4. ed. São Paulo: Cengage, 2012.

HEIDEMANN, Francisco Gabriel; SALM, José Francisco (orgs.). Políticas públicas e desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise. Brasília: Editora da UnB, 2009.

FERLIE, E. et alli. A nova administração pública em ação. Brasília: Edunb; ENAP, 1999.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Um Estado para a sociedade civil: temas éticos e políticos da gestão democrática. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PAULA, Ana Paula Paes de. Por uma nova gestão pública: limites e potencialidades da experiência contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A nova ciência das organizações. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1989.

SECCHI, Leonardo. Políticas públicas: conceitos, categorias de análise, casos práticos. 2. Ed. São Paulo: Cengage, 2013.

Artigos:

ANDION, Carolina. Por uma nova interpretação das mudanças de paradigma na administração pública. *Cad. EBAPE.BR* [online]. 2012, v.10, n.1, pp.01-19.

BEHN, Robert D. O novo paradigma da gestão pública e a busca da *Accountability* democrática. *Revista do Serviço Público*. V. 49, n. 4, p. 5 – 45, out./dez. 1998.

Bovaird, T. Beyond engagement and participation: user and community coproduction of public services. *Public Administration Review*, v. 67, nr. 5, 846-860, 2007.

Brandsen, T., & Honingh, M. Distinguishing different types of coproduction: a conceptual analysis based on the classic al definitions. *Public Administration Review*, v. 76, nr. 3, 427–435, 2016.

COSTA, Frederico Lustosa da. Brasil: 200 anos de Estado; 200 anos de administração pública; 200 anos de reformas. *Revista de Administração Pública*, v. 42, n. 5, p. 829 - 874, out. 2008.

	<p>Januzzi, Paulo de Martino. Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil. Revista do serviço público. Brasília : Fundação Escola Nacional de Administração Pública v.56, n.2 (abr./jun. 2005), p.137-160</p> <p>KISSLER, Leo; HEIDEMANN, Francisco G. Governança pública: novo modelo regulatório para as relações entre Estado, mercado e sociedade? Revista da Administração Pública, v. 40, n. 3, p. 479 - 499, 2006.</p> <p>Moretto Neto, L., Salm, M., Burigo, V. A Coprodução dos serviços públicos: modelos e modos de gestão. <i>Revista de Ciências da Administração</i>, v. 16, nr. 39, 164-178, 2014.</p> <p>PINHO, J. A. G.; SACRAMENTO, A. R. <i>Accountability</i>: já podemos traduzi-la para o português? Revista da Administração Pública, v. 43, n. 6, p. 1343 - 68, nov./dez. 2009.</p> <p>PIRES, V. ; SILVA, S. A. M. E. ; FONSECA, S. A. ; VENDRAMINI, P. ; COELHO, F. S. . Dossiê - Campo de Públicas no Brasil: definição, movimento constitutivo e desafios atuais. <i>Administração Pública e Gestão Social</i>, v. 6, p. 110-126, 2014.</p> <p>ROCHA, Arlindo Carvalho. <i>Accountability</i> na administração pública: modelos teóricos e abordagens. <i>Contabilidade, Gestão e Governança</i>, v. 14, n. 2, p. 82-97, mai./ago. 2011.</p> <p>SALM, J. F.; MENEGASSO, M. E. Os modelos de administração pública como estratégias complementares para a coprodução do bem público. <i>Revista de Ciências da Administração</i>, v. 11, n. 25, p. 97 – 120.</p> <p>SALM, José Francisco. Coprodução de Bens e Serviços Públicos. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org). <i>Dicionário para a formação em gestão social</i>. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. Pgs. 42-44.</p> <p>SCHOMMER, Paula Chies; ROCHA, Arlindo Carvalho; SPANIOL, Enio L.; DAHMER, Jeferson; SOUSA, Alessandra Debone de. <i>Accountability and co-production of information and control: social observatories and their relationship with government agencies</i>. <i>Revista de Administração Pública</i>, v. 49, n. 6, p. 1375 - 1400, nov./dez., 2015.</p> <p>SECCHI, L. Modelos organizacionais e reformas da administração pública. <i>Revista de Administração Pública</i>, v. 43, n. 2, p. 347 – 369, mar./abr. 2009.</p>
<p>Macroeconomia</p>	<p>Ementa:</p> <p>IS-LM-BP. Modelo AS-AD. Ciclos Reais de Negócios. Modelos Novo Keynesianos. Investimento e Consumo. Déficit Orçamentário e Equivalência Ricardiana. Crescimento Econômico. Expectativas na Macroeconomia. Política Monetária e Regra de Taylor.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>BÁSICA:</p> <p>ABEL, Andrew B.; BERNANKE, Ben S.; CROUSHORE, Dean Darrell. <i>Macroeconomia</i>. 6ª ed. São Paulo: Pearson/Addison Wesley, 2008.</p> <p>BLANCHARD, Olivier. <i>Macroeconomia</i>. 5ª ed. São Paulo: Pearson Education, 2011.</p>

	<p>MANKIW, N. Gregory. Macroeconomia. 8ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.</p> <p>ROMER, David. Advanced macroeconomics. 4ª ed. Boston, MA: McGraw-Hill, 2012.</p> <p>COMPLEMENTAR:</p> <p>DORNBUSCH, Rudiger; FISCHER, Stanley; STARTZ, Richard. Macroeconomia. 11ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.</p> <p>JONES, Charles I. Introdução a teoria do crescimento econômico. São Paulo: Campus, 2000.</p> <p>LOPES, Luiz Martins; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.</p> <p>SIMONSEN, Mario Henrique; CYSNE, Rubens Penha. Macroeconomia. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.</p>
--	--

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO ESPORTE - CEFID	
Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
Aspectos Pedagógicos do Movimento Humano/ Formação Esportiva	<p>Ementa:</p> <p>Metodologia do Futebol Histórico. Aspectos técnicos e táticos do futebol de campo e do futebol de salão. Regulamentação do futebol de campo e do futebol de salão. Relação do futebol educacional com o de participação e o de rendimento. Pedagogia e Metodologia do Futebol. Ensino, desenvolvimento e aperfeiçoamento dos fundamentos. Processo de seleção e iniciação. Organização de escolas de Futebol. Arbitragem. Futebol adaptado às populações especiais.</p> <p>Metodologia do Ensino do Futebol Histórico, Aspectos técnicos e táticos do futebol. Processo de ensino e aprendizagem do futebol educacional e adaptado. Regulamentação</p> <p>Gestão Esportiva Teorias administrativas. Planejamento estratégico. Políticas de incentivo ao esporte. Plano de negócio. Evento esportivo. Economia esportiva. Tecnologia esportiva. Gestão de organizações esportivas.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Metodologia do Futebol BIBLIOGRAFIA BÁSICA MELO, R; MELO, L. Ensinando futsal. Rio de Janeiro, Sprint, 2007. MUTTI, D. Futsal, da iniciação ao alto nível. São Paulo, Phorte, 2003. WEINECK, J. Futebol total: o treinamento físico no futebol. Guarulhos: Phorte, 2004. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BARROS NETO, Turibio Leite de; GUERRA, Isabela (Org.). Ciência do futebol. Barueri: Manole, 2004. 338 p. CASTELO, Jorge. Futebol: a organização do jogo . [S.I.]: Ed do Autor, 1996. 541 p.</p>

	<p>DRUBSCKY, Ricardo. O universo tático do futebol: escola brasileira. Belo Horizonte: Health, 2003. 336 p. FREIRE, J. B. Pedagogia do Futebol. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2003. 98 p.</p> <p>MELO, Rogério Silva de. Futsal 1000 exercícios. Rio de Janeiro: Sprint, 1999. 399 p.</p> <p>Metodologia do Ensino do Futebol</p> <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>DRUBSCKY, R. O Universo Tático do Futebol, Escola brasileira. Belo Horizonte: Health, 2003.</p> <p>FREIRE, J. B. Pedagogia do Futebol. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2003. 98 p.</p> <p>GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2009.</p> <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>BRAZ, T. V. Modelos competitivos da distância percorrida por futebolistas profissionais: uma breve revisão. Revista Brasileira de Futebol, São Paulo, v.2, n.1, p. 02-12, 2009.</p> <p>COSTA, I. R; GARGANTA, J. M; GRECO, P. J; MESQUITA, I. Princípios Táticos do Jogo de Futebol: conceitos e aplicação. Motriz, Rio Claro, v.15 n.3 p.657-668, 2009.</p> <p>KROGER, C.; ROTH, K. Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos desportivos. São Paulo: Phorte, 2002.</p> <p>MELO, R; MELO, L. Ensinando futsal. Rio de Janeiro, Sprint, 2007.</p> <p>MUTTI, D. Futsal, da iniciação ao alto nível. São Paulo, Phorte, 2003.</p> <p>Gestão Esportiva</p> <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>CHIAVENATO, Idalberto. Administração nos novos tempos. 2. ed. R.J: Elsevier, 2005. 610 p.</p> <p>MORGAN, Melissa J.; SUMMERS, Jane. Marketing esportivo. SP: Thomson Learning, 2008. 422 .</p> <p>KOTLER, Philip; PFOERTSCH, Waldemar. Gestão de marcas em mercados B2B. Porto Alegre: Bookman, 2008. 360 p.</p> <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>DIXIT, A.B.; NALEBUFF, B.J. Pensando estrategicamente: a vantagem competitiva nos negócios, na política e no dia-a-dia. São Paulo: Atlas, 1994.</p> <p>MINTZBERG, Henry. Criando organizações eficazes. São Paulo: Atlas, 1995.</p> <p>MORALES, Ida R. Liderança e administração esportiva. São Paulo: Ícone, 1997.</p> <p>REZENDE, José R. Organização e administração no esporte. RJ: Sprint, 2000.</p> <p>ROCHE, Fernando P. Gestão desportiva: planejamento estratégico nas organizações esportivas. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.</p>
<p>Fisioterapia na atenção primária em saúde</p>	<p>Ementa:</p> <p>Atuação fisioterapêutica na comunidade, planejamento de ações preventivas e de promoção da saúde nos ciclos da vida, ergonomia e saúde do trabalhador, levantamento,</p>

	<p>planejamento e execução da prática fisioterapêutica na comunidade, prática de educação e saúde com base em dados epidemiológicos, sistema de saúde brasileiro, planejamento e gestão em saúde coletiva.</p> <p>Bibliografia: ALMEIDA FILHO, N. de; ROUQUAYROL, M. Z. Introdução à epidemiologia. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Médica e Científica: Guanabara Koogan, 2006. BELIBERATO, P.C.P. Fisioterapia preventiva: fundamentos e aplicações. São Paulo: Manole, 2002. BERNARDI, D. F. Fisioterapia Preventiva em Foco. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2010. BISPO JÚNIOR, JP (organizador). Fisioterapia & Saúde Coletiva: reflexões, fundamentos e desafios. 1. ed. Hucitec. São Paulo, 2013. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_basica_2006.pdf CAMPOS, G. W. de S.; MINAYO, M. C. de S.; AKERMAN, DRUMOND JÚNIOR, M.; CARVALHO, Y. M. Tratado de saúde coletiva. 2. ed. Rio de Janeiro, Hucitec; Fiocruz, 2014. COSTA, D. C.; FREITAS, C. M. de (Org.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2009. COSTA, E. M. A.; CARBONE, M. H. Saúde da família: uma abordagem interdisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2009. DELIBERATO, Paulo, C. P. Fisioterapia Preventiva. 2. ed. São Paulo: Ed. Manole, 2016. FLETCHER, Robert H.; FLETCHER, Suzanne W.; WAGNER, Edward H. Epidemiologia clínica: elementos essenciais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. GIOVANELA, L. (org) Políticas e Sistemas de Saúde no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. HULLEY, Stephen B. Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica. Porto Alegre: Artmed, 2008. JEKEL, J.F.; ELMORE, J.G.; KATZ, D.L. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. MEDRONHO, Roberto A. (Ed.). Epidemiologia. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. REBELATTO, J.R.; BOTOME, S.P. Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais. 2 ed. São Paulo: Manole, 1999. ROUQUAYROL, M.Z.; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia & saúde. 6 ed. Rio de Janeiro: Médica e científica, 2003. SANTANA, E. C; BIZ, M. C. Implantando a CIF: o que acontece na prática. Ed. Wak, 2017.</p>
<p>Recursos Fisioterapêuticos</p>	<p>Ementa: Fundamentos da cinesioterapia. Tipos de exercícios físicos. Prescrição de exercícios. Treino sensorio motor, treino de marcha, coordenação motora, equilíbrio e psicomotricidade. Métodos e técnicas cinesioterapêuticas específicos nas</p>

diversas áreas de atuação da fisioterapia. Cinesioterapia funcional e laboral.

Bibliografia:

ACHOUR JUNIOR, A. Bases para exercícios de alongamento: relacionado com a saúde e no desempenho atlético. Londrina: Phorte, 1999.

ACACHOUR JUNIOR, A. Exercícios de alongamento: anatomia e fisiologia. Barueri: Manole, 2006.

ADLER, Susan S.; BECKERS, Dominiek; BUCK, Math. PNF Facilitação Neuromuscular Proprioceptiva: um guia ilustrado. 2. ed. rev. e ampl. Barueri: Manole, 2007.

ALBERT, M. Treinamento de potência para o esporte: pliometria para o desenvolvimento máximo da potência. 2.ed. São Paulo: Summus, 1995.

BERTAZZO, Ivaldo. Cérebro ativo: reeducação do movimento. São Paulo: SESC SP; Barueri: Manole, 2012. 269 p.

BIENFAIT, Marcel. Os desequilíbrios estáticos: fisiologia, patologia e tratamento fisioterápico. 3. ed. São Paulo: Summus, 1995.

BOMPA, T. O. Treinamento de potência para o esporte: pliometria para o desenvolvimento máximo da potência. São Paulo: Phorte, 2004.

BRICOT, B. Posturologia clínica. 1. ed. São Paulo: CIES Brasil, 2010.

BUKOWSKI, Elaine L. Análise muscular de atividades diárias. Barueri: Manole, 2002. CARRIÈRE, Beate; TANZBERGER, Renate. Bola suíça: teoria, exercícios básicos e aplicação clínica. São Paulo: Manole, 1999.

DELIBERATO, Paulo César Porto. Exercícios terapêuticos: guia teórico para estudantes e profissionais. Barueri: Manole, 2007.

EHRMAN, Jonathan K. (Ed.). Clinical exercise physiology. 2nd ed. Champaign, Ill.: Human Kinetics, c2009 691 p.

KISNER, C.; COLBY, L. A. Exercícios terapêuticos: fundamentos e técnicas. 5. ed. São Paulo: Manole, 2009.

KOPCZYNSKI, Marcos Cammarosano (Coord.). Fisioterapia em neurologia. Barueri: Manole, 2012.

MORENO, Adriana L. Fisioterapia em uroginecologia. Barueri: Manole, 2004.

SOUCHARD, P. E. O stretching global ativo: a reeducação postural global a serviço do esporte. São Paulo: Manole, 1996.

SUTCLOFFE, J. O livro completo de técnicas de relaxamento. São Paulo: Manole, 1998.

MORENO, Adriana L. Fisioterapia em uroginecologia. Barueri: Manole, 2004.

NAKAGAWA, Naomi Kondo; BARNABÉ, Viviani. Fisioterapia do sistema respiratório. São Paulo: Sarvier, 2006.

SANTOS, Angela. A biomecânica da coordenação motora. São Paulo: Summus, 2002.

	<p>SILVA, Carolina Rodrigues da. Cinesioterapia do assoalho pélvico feminino: abordagem fisioterapêutica na incontinência urinária e nas disfunções sexuais femininas. São Paulo: Phorte, 2011.</p> <p>ROBINSON, Lynne; THOMSON, Gordon. Body control: using techniques developed by Joseph H. Pilates. Philadelphia: Bainbridgebooks, 1998.</p> <p>WILKINS, Robert L.; STOLLER, James K.; KACMAREK, Roberto M. (Ed.). Egan fundamentos da terapia respiratória. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.</p>
--	--

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED	
Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
Geografia Física - Biogeografia	<p>Ementa:</p> <p>Biogeografia Introdução: Conceito, objeto e objetivo da Biogeografia. Fatores ecológicos. Noções de taxonomia. Morfologia vegetal. Origem e evolução dos seres vivos. A dispersão dos seres vivos. Migrações e formas de movimentos dos seres vivos na paisagem. Paleobiogeografia. Ilhas e refúgios biogeográficos. Os reinos biogeográficos. As comunidades dos seres vivos e a sua distribuição espacial atual. Grandes Biomas terrestres. Biomas do Brasil.</p> <p>Tópicos em Biogeografia Representação cartográfica da paisagem geocológica: perfis da vegetação e perfis geocológicos. Mapeamento biogeográfico. Estudo da cobertura vegetal e uso do solo. Sucessão e estratificação vegetal. Formações vegetais brasileiras. Vegetação de Santa Catarina. Técnicas de campo em Biogeografia.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>AB'SÁBER, AZIZ. Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas, 3ª ed. São Paulo: Ateliê, 2003. 159p.</p> <p>COX, Barry & MOORE, Peter D. Biogeografia: uma abordagem ecológica e evolucionária, 7ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 2011. 398p.</p> <p>FURLAN, S. A. Técnicas de Biogeografia. In: VENTURI, L. A. BITTAR. (organizador). Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em Geografia e análise ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.p. 99 – 129.</p> <p>IBGE. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. Brasília: IBGE, 2 ed. 2012. 271p.</p> <p>KLEIN, R. M. Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina. In: Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. 1978. 23p.</p> <p>LORENZI, Harri; SOUZA C. V; FLORES, T. B. Introdução à Botânica: Morfologia. São Paulo: Instituto Plantarum, 2009. 223p.</p> <p>ODUM, E.P. Ecologia. Rio de Janeiro, Guanabara, 2010, 434p.</p> <p>RICKLEFS, Robert E. A Economia da Natureza. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2015. 546p.</p>

	<p>TROPMAIR, Helmut. Biogeografia e Meio Ambiente. UNESP. Rio Claro. 2004. 227p.</p> <p>WALTER, HEINRICH. Vegetação e zonas climáticas. Tratado de Ecologia global. São Paulo: EPU, 1986. 325p.</p>
<p>Geografia Humana – Geografia Agrária e Geografia do Brasil</p>	<p>Ementa: A formação sócio-espacial brasileira e suas regiões: elementos naturais, históricos, econômicos e políticos. A metodologia da Geografia Agrária. A questão agrária e o desenvolvimento brasileiro e catarinense. Dinâmica capitalista na agricultura e reforma agrária. As políticas agrícolas e agrárias no Brasil. Unidade prática: Trabalho de campo.</p> <p>Bibliografia: AB'SÁBER, Aziz N. Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas, 3ª ed. São Paulo, Ateliê, 2003. ANDRADE, Manuel Correa de. Abolição e reforma Agrária. São Paulo: Ática, 1987. ANDRADE, Manuel Correia de. A questão do território no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. FERNANDES, Bernardo M. MST. Formação e Territorialização. São Paulo, HUCITEC, 1996. FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez Silveira. Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009. MARTINS, José de S. Reforma Agrária: o impossível diálogo São Paulo: Edusp. 2000. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia das lutas no campo. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988. PRADO Jr., Caio. História Econômica do Brasil. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1973. RANGEL, Ignácio. Obras Reunidas (2 vol.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 7ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. VALVERDE, Orlando. Estudos de geografia agrária brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.</p>
<p>Teoria e Prática Pedagógica: Libras – Língua Brasileira de Sinais/ Educação Especial e Educação Inclusiva</p>	<p>Ementa: Conceitos e paradigmas históricos da Educação Especial e das propostas de Educação Inclusiva: Políticas Públicas de Educação Inclusiva no cenário internacional e nacional. A educação especial, o ensino regular e o atendimento educacional especializado a partir da Política Nacional de Educação Inclusiva. O processo de escolarização do público-alvo da Educação Especial. Aspectos da Língua de Sinais e sua importância: cultura, história e legislação. Identidade surda. Introdução aos aspectos linguísticos na Língua Brasileira de Sinais: fonologia, morfologia, sintaxe.</p>

Noções básicas de escrita de sinais. Processo de aquisição da Língua de Sinais observando as similaridades existentes entre esta e a Língua Portuguesa e implicações para a prática pedagógica.

Bibliografia:

BRASIL MEC/SEESP - Educação especial - Língua Brasileira de Sinais (Série Atualidades Pedagógicas) - Caderno 3. Brasília/DF, 1997.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro-RJ. Tempo Brasileiro, UFRJ-RJ. Departamento de Lingüística e Filologia. 1995.

QUADROS, Ronice M. Educação de surdos: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. v. 1. 247 p .

PLETSCH, M. D.; LUNARDI-MENDES, Geovana. (2015 e 2014). Dossiê *Educação Especial: diferenças, currículo e processos de ensino e aprendizagem*. Editoras convidadas: Márcia Denise Pletsch & Geovana Mendonça Lunardi Mendes. Revista Arquivos Analíticos de Políticas Educativas.

_____, HOSTINS, Regina Linhares. Dossiê: Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar. *Revista Teias* v. 17 • n. 46 • (jul./set. - 2016) DOI: 10.12957/teias.2016.25497

HOSTINS, R. C. L. (Org.); Márcia Denise Pletsch (Org.). Dossiê Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: organização e oferta do Atendimento Educacional Especializado. In: *Revista Linhas*. 35. ed. , 2016. v. 17. 215p.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, SEESP, 2008.

BRASIL. Decreto no 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, 18 nov.2011. Seção 1 – Edição Extra, p. 5. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso em: 26 out. 2015.

_____. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Resolução 4. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto n. 5626/2005, de 23 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. P. 28. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 30 jul. 2015.

[Links]

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 10.436/2002, de 25 de abril de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

	<p>Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. P. 23. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm >. Acesso em: 30 jul. 2015.</p> <p>LOPES, Maura Corcini. Surdez & Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. v. 1. 137p</p> <p>BUENO, José Geraldo Silveira (Org.); LUNARDI-MENDES, Geovana M. (Org.) ; Roseli albino dos Santos (Org.) . Deficiência e Escolarização: novas perspectivas de análise. 2. ed. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012. v. 1.</p> <p>SLEE, Roger. Um cortador de queijo com outro nome? Reduzindo a sociologia da inclusão a pedaços. In: APPLE, M.; BALL, S. J.; GANDIN. Sociologia da Educação: análise internacional. Porto Alegre: Penso, 2013.</p> <p>VIGOTSKI, Lev S. Obras completas. Tomo V. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación. Trad. Lólio Lourenço Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.</p>
--	--

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS - CCT	
Área de conhecimento	Ementas/Bibliografia
<p>Arquitetura e Organização de Computadores</p>	<p>Ementa: Sistemas de numeração. Conversão de bases. Aritmética binária. Álgebra de Boole. Tecnologias dos circuitos digitais. Componentes de um computador. Barramentos do sistema. Dispositivos de entrada e saída. Unidade central de processamento (estrutura e funcionamento). Unidade de controle. Memórias e hierarquia de memórias. Arquiteturas clássicas (RISC, CISC). Paralelismo em nível de instruções e processadores superescalares. Instruções de máquina (modos de endereçamento, formatos e linguagem de montagem). GPU.</p> <p>Bibliografia: STALLINGS, William. Arquitetura e organização de computadores. 8. ed. São Paulo: Pearson Education, 2010. 624 p. ISBN 9788576055648 TANENBAUM, Andrew S. Organização estruturada de computadores. 5. ed. São Paulo: Pearson, c2007. 449 p. ISBN 8521611706 BIGNELL, James; DONOVAN, Robert. Eletrônica digital. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 648 p. ISBN 9788522107452 MELO, Mairton de Oliveira. Eletrônica digital. São Paulo: Makron Books, 1993. 414 p. ISBN 8534600031 LOURENÇO, Antonio. C. Sistemas Numéricos e Álgebra Booleana. Editora Érica, 1994.</p>
<p>Engenharia de Produção</p>	<p>Ementa: Engenharia de Operações e Processos de Produção. Logística. Pesquisa Operacional. Engenharia do Produto. Engenharia do Trabalho.</p> <p>Bibliografia: BALLOU, R. H. (2006): Gerenciamento da cadeia de suprimentos/logística empresarial. 5 ed. Porto Alegre:</p>

	<p>Bookman.</p> <p>BATALHA, O. M., et al., (2008): Introdução à Engenharia de Produção. Ed. ABEPRO.</p> <p>MASCULO, F. S. et. al. (2011): Ergonomia: trabalho adequado e eficiente. Campus.</p> <p>MOREIRA, D. A. (2010): Pesquisa Operacional – Curso Introdutório. Cengage Learning</p> <p>PAHL, G; BEITZ, W.; et al. (2005). Projeto na Engenharia: Fundamentos do Desenvolvimento Eficaz de Produtos - Métodos e Aplicações. 6ª Edição Complementar:</p> <p>TUBINO, D. F. (2007): Planejamento e Controle da Produção: teoria e prática. Atlas.</p>
Engenharia Hidráulica	<p>Ementa:</p> <p>Mecânica dos Fluidos: estática, cinemática e dinâmica dos fluidos.</p> <p>Hidráulica Geral: Escoamento em condutos forçados. Instalações elevatórias. Escoamentos livres.</p> <p>Experimentos relativos aos conceitos de Mecânica dos Fluidos e Hidráulica Geral.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>FOX, R. W., McDONALD, A. T. e PRITCHARD, P. J. Introdução à Mecânica dos Fluidos, 8ª Ed., LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A , 2014.</p> <p>PORTO, R. M., Hidráulica Básica, 4ª Ed. Revisada, EESC-USP/Projeto Reenge, 2006.</p> <p>BAPTISTA, M. B, COELHO. M.M.L.P, CIRILO, J.A, MASCARENHAS, F.C.B. Hidráulica Aplicada. Coleção ABRH 8, 2ª Ed. Revista e Ampliada, ABRH, 2003.</p> <p>AZEVEDO NETTO, J. M e FERNANDEZ, M. F. Manual de Hidráulica, 9ª Ed., Editora Edgard Blucher, 2015.</p>
Física	<p>Ementa:</p> <p>Mecânica Clássica, Mecânica Quântica, Mecânica Estatística e Eletromagnetismo.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Stephen T. Thornton and Jerry B. Marion. Classical Dynamics of Particles and Systems. 5th edition, Brooks/Cole, 2004.</p> <p>David J. Griffiths. Introduction to Quantum Mechanics. 2nd Edition, Cambridge University Press, 2016.</p> <p>Frederick Reif. Fundamentals of Statistical and Thermal Physics. Waveland Press, USA, 2009.</p> <p>David J. Griffiths. Introduction to Electrodynamics. 4th Edition, Pearson, 2012.</p>
Matemática	<p>Ementa:</p> <p>Equações diferenciais Ordinárias: Resolução de equações diferenciais ordinárias lineares com coeficientes variáveis de segunda ordem.</p> <p>Zeros de funções reais: Método da bisseção, método do ponto fixo, Newton-Raphson. Método de Newton para sistemas não lineares.</p> <p>Resolução numérica de sistemas lineares: Fatorações ortogonais, fatoração LU, condicionamento da matriz.</p>

	<p>Métodos iterativos para sistemas lineares: Método de Jacobi, método de Gauss-Seidel, gradientes conjugados. Interpolação numérica: polinomial (fenômeno de Runge) e por partes (splines). Problema de quadrados mínimos lineares e não lineares. Integração numérica: Trapézio, Newton-Cotes, integração de Romberg, quadratura Gaussiana, análise de erro. Métodos numéricos para equações diferenciais ordinárias: Diferenças finitas, Taylor, Runge-Kutta.</p> <p>Bibliografia: BOYCE, William E; DIPRIMA, Richard C. Equações diferenciais elementares e problemas de valores de contorno. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010. BURDEN, Richard e FAIRES, J. Douglas. Análise Numérica, Cengage Learning, 8a ed., 2008. CHAPRA, Steven C. e CANALE, Raymond P. Métodos Numéricos para Engenharia, Wiley; 3a ed., 2008. CLAUDIO, Dalcidio Moraes; MARINS, Jussara Maria. Cálculo numérico computacional: teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.</p>
<p>Processos de Fabricação – Conformação Mecânica e Fundição - Engenharia Mecânica</p>	<p>Ementa: Conformação Mecânica - Ementa: Critério de escoamento plástico dos metais. Superfície de escoamento plástico. Equação constitutiva. Ensaio de tração bi-axial. Análise de escoamento plástico. Campo de linha de deslizamento e método de limite superior. Forjamento, extrusão, laminação e trefilação. Conformação de chapas: corte, dobramento, estampagem, repuxo e embutimento. Fundição - Ementa: Fundamentos da solidificação dos metais e suas ligas. Projetos de fundição. Processos de fundição. Tecnologia da fundição. Rejeitos e controle ambiental.</p> <p>Bibliografia: CETLIN, Paulo R.; Helman, Horácio – Fundamentos da conformação – Edit. Artliber – São Paulo – 2005. MEYERS, Marc A.; CHAWLA, Krishan K. – Princípios da metalurgia mecânica – São Paulo: Edgard Blucher, 1982. ALTAN, T. et all – Conformação de metais – Fundamentos e aplicações – EESC –São Carlos/SP – 1999. BRESCIANI Filho, E. et all – Conformação Plástica dos Metais – Ed. Unicamp, Campinas/SP, 1997. DIETER, G.E. Metalurgia Mecânica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1981. GARCIA, A. Solidificação Fundamentos e Aplicações. 2ª ed. Ed. Unicamp, Campinas, 2011 MÜLLER, A. Solidificação e Análise Térmica de Metais, Ed. da UFRGS, Porto Alegre, 2002 CAMPOS FILHO, M.P.; DAVIES, G.J. Solidificação e Fundição de Metais e suas Ligas. São Paulo: USP - Ed. Livros Técnicos e Científicos, 1978. ASKELAND, D. The Science and Engineering of Materials, PSW Publishers, Massachusetts-USA, 1984.</p>

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA FOZ DO ITAJAÍ - CESFI

Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
Ciência Política	<p>Ementa: A política, conceito clássico e moderno. Os pensadores clássicos gregos. A democracia e as suas diferentes formas. A participação como essência da democracia. A comunidade. A influência de Machiavel. As formas de governo. O estado e a sociedade como fenômenos modernos. Os partidos políticos. Os regimes políticos. A representação. A dominação, poder e legitimidade. O modelo liberal do estado. O Welfare State e a transformação do liberalismo. O retorno à comunidade e a importância política da governança pública. As manifestações em prol da democracia e os movimentos sociais. O futuro da democracia. A emergência da sociologia e seus antecedentes; conceitos básicos de sociologia; as relações entre sociologia geral e outras disciplinas; as teorias sociológicas; a crise da sociologia ocidental; autores clássicos da sociologia e a sua importância para o estudo da administração pública e governança; o método da redução sociológica, o fato social e a ação administrativa; a visão de autores contemporâneos de sociologia sobre a relações entre estado, sociedade e comunidade.</p> <p>Bibliografia: ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. ARENDETT, Hannah. A condição humana. 12. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco: texto integral. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, c2001. BERGER, Peter L. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. BONAVIDES, Paulo. Ciência política. 16. ed. São Paulo: Malheiros, 2009 DAHL, Robert A. Sobre a democracia. Brasília: UnB, 2001 DIAS, Reinaldo. Fundamentos de Sociologia Geral. São Paulo: Alínea, 2011. FINLEY, Moses. Política. In: Finley, Moses (org.). O legado da Grécia: uma nova avaliação, Brasília, Ed. UnB, 1998.</p>
Economia	<p>Ementa: Conceitos básicos da teoria econômica. Principais pensadores da teoria econômica. As teorias econômicas. A microeconomia. O mercado e os agentes econômicos. A lei da oferta e da demanda. A formação dos preços. Fundamentos da análise macroeconômica; Problemas macroeconômicos; Modelos macroeconômicos; Contabilidade Nacional; Determinantes da demanda e oferta agregada; Moeda, juros e renda; Economia Aberta; Política econômica; O papel do governo; Inflação. Ideologia Neoliberal, novos Keynesianos, terceiro setor e outros.</p>

	<p>Aspectos contemporâneos na economia. A economia brasileira no início do século XX: modelo exportador, agropastoril e mineral. A economia brasileira e o processo de industrialização. Processo de substituição de importações. Crescimento com endividamento externo e inflação. A renegociação da dívida externa. Os diversos planos de combate à inflação A experiência do Real. As políticas sociais no governo Lula. A econômica brasileira no século 21. Finanças públicas: teorias, conceitos, evolução. Finanças públicas no Brasil. Política fiscal, atividade econômica e finanças públicas. Tributação e gasto público. Necessidade de financiamento do setor público, déficits e dívida pública. Política fiscal e distribuição de renda. Reforma tributária e federalismo. Finanças pública locais. Política fiscal nos estados e municípios.</p> <p>Bibliografia: BLANCHARD, Olivier. Macroeconomia. 5. ed. São Paulo: Pearson Education, c2011. FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GIAMBIAGI, Fabio; ALÉM, Ana Cláudia Duarte de. Finanças públicas: teoria e prática no Brasil. 4. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2011. LAFER, B. Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro, Rio de Janeiro: Zahar, 1984. LANZANA, Antonio Evaristo Teixeira. Economia brasileira: fundamentos e atualidade. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2005. LEITE, J. A. A Macroeconomia: Teoria, Modelos e Instrumentos de Política Econômica, Atlas, São Paulo, 1994. MANKIW, N. Gregory. Macroeconomia. 8.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2015. RIANI, Flavio. Economia do setor público: uma abordagem introdutória. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009. SILVA, Fernando Antonio Rezende da. Finanças públicas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.</p>
<p>Engenharias (A)</p>	<p>Ementa: Sistemas logística integrada. Cadeia de suprimento da indústria de petróleo. Logística da distribuição. Importação e exportação de derivados. Elevação Natural. Análise Nodal. Métodos de elevação artificial. Produção Offshore e Engenharia submarina. Unidades estacionárias de produção. Sistema de bombeio e compressão na superfície. Operação com mergulhadores e ROV. Equipamentos submarinos. Dutos e umbilicais submarinos. Sistemas de conexão submarina. Descomissionamento de sistemas submarinos e plataformas.</p> <p>Bibliografia: CARDOSO, Luiz Cláudio dos Santos. Logística do petróleo: transporte e armazenamento. Rio de Janeiro, Interciência, 2004. SARACENI, Pedro Paulo. Transporte marítimo de petróleo e derivados. 2. Ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2012. GREEN, D.; WILLHITE, G. P. Enhanced oil recovery (SPET</p>

	<p>textbook series). Vol. 6 Society of Petroleum engineers, 1998.</p> <p>GUO, B.; LYONS, W. C.; GHALAMBOR, A. Petroleum Production- Engineering: A Computer- Assisted Approach. Burlington: Elsevier, 2007.</p> <p>CHAKRABARTI, S. Handbook of Offshore Engineering. Amsterdam: Elsevier, 2005. Vol. 1 e 2.</p> <p>PATEL, M. H.; WITZ, J. A.; TANZ, Z. Flexible Riser Design Manual (Offshore Technology). 2ªed Bentham Press, 1995.</p>
Engenharias (B)	<p>Ementa: Permeabilidade absoluta. Permeabilidade relativa. Lei de Darcy. Equação de balanço de materiais. Equação da difusividade hidráulica (EDH). Soluções analíticas da EDH. Métodos numéricos de solução da EDH.</p> <p>Bibliografia: Abou-Kassem, J. H.; Ali, S. M. F.; Islam, M. R. Petroleum Reservoir Simulation: A Basic approach. Gulf Publishing Company: Texas. 2006.</p> <p>EWING, Richard E. The mathematics of reservoir simulation. Philadelphia: SIAM, 1983. 186p. (Frontiers in applied mathematics ; 1) ISBN 0898711924</p> <p>ROSA, Adalberto José; CARVALHO, Renato de Souza, . Engenharia de reservatório de petróleo. Rio de Janeiro (RJ): Interciência, 2006. 808 p. ISBN 8571931356</p> <p>INCROPERA, Frank P; DEWITT, David P. Fundamentos de transferência de calor e de massa. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, c2003. 698 p. ISBN 8521613784</p>

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA REGIÃO SUL - CERES	
Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
Botânica	<p>Ementa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Caracterização geral dos Líquens. 2) Características principais, ciclos de vida e classificação dos principais grupos de briófitas. 3) Identificação das principais famílias botânicas de Cycadophyta, Gynkgophyta, Coniferophyta e Magnoliophyta (Magnoliopsida e Liliopsida). 4) Reprodução das Criptógamas. 5) Biologia e Sistemática de Algas Verdes. Florações de Algas Nocivas. 6) Reprodução das Fanerógamas e Biologia Floral. 7) Gimnospermas: características gerais e principais grupos. 8) Angiospermas: características gerais e principais grupos. Diferenças entre Angiospermas Basais,

	<p>Magnoliídeas, Monocotiledôneas e Eudicotiledôneas.</p> <p>9) Anatomia dos órgãos vegetativos (raiz, caule e folha) e reprodutivos (flor, fruto e semente) das plantas.</p> <p>10) Absorção e transporte de água nas plantas. Transpiração.</p> <p>11) Nutrição mineral das plantas. Fotossíntese e respiração. Translocação de solutos orgânicos.</p> <p>12) Crescimento e desenvolvimento das plantas. Hormônios e reguladores de crescimento. Fotomorfogênese.</p> <p>Bibliografia: APEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; CARMELLO-GUERREIRO, S.M. Anatomia Vegetal. 3 ed. Viçosa, MG: UFV, 2013. CUTTER, E.G. Anatomia Vegetal. São Paulo: Roca, 1986. ESAU, Katherine. Anatomia das plantas com sementes. São Paulo: E. Blucher, 1974. LINCOLN, T.; ZEIGER, E. Fisiologia Vegetal. 5.ed. 2013. KERBAUY, G.B. Fisiologia Vegetal. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; EICHHORN, S.E. Biologia Vegetal. 7.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2007. SCHULTZ, A. R. Introdução à Botânica Sistemática. 5.ed.rev. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1985. JUDD, W.S. Sistemática Vegetal: um enfoque filogenético. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. WEBERLING, F.; SCHWANTES, H.O. Taxionomia vegetal. São Paulo: EPU, 1986. SOUZA, Vinícius Castro; LORENZI, Harri. Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2005. WANDERLEY, Maria das Graças Lapa et al. Flora fanerogâmica do estado de São Paulo: volume 4. São Paulo: RiMa, 2005. FRANCESCHINI, I.M. Algas: uma abordagem filogenética, taxonômica e ecológica. Porto Alegre: Artmed, 2010. ANDRADE, Diva Souza. Microalgas de águas continentais. Londrina: IAPAR, 2014. ROSIQUE, I.R.; ROSIQUE, I.; CHEIN, L.A. Fundamentos de Botânica. São Paulo: Ed. FTD, 1976. JOLY, A.B. Botânica: introdução à taxonomia vegetal. 13.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2002.</p>
<p>Genética, Evolução e Recursos Genéticos</p>	<p>Ementa:</p> <p>1) Genética mendeliana. Extensões da genética mendeliana. Interações alélicas e não alélicas (interações gênicas).</p> <p>2) Polimorfismos, suas bases genéticas e seus significados adaptativos.</p> <p>3) Mecanismos de evolução. Fontes de variabilidade.</p>

Variabilidade e seleção natural. Adaptação.

- 4) Teorias evolucionistas. Raciação e especiação. Macroevolução e microevolução. Processos de evolução.
- 5) Processos de evolução genômica e de diversificação de genes e fenótipos. Evolução de genes codificadores de proteínas e de sequências não codificadora.
- 6) Relógio molecular e filogenias moleculares.
- 7) Biodiversidade e recursos genéticos. Avaliação da diversidade genética: conceitos e métodos.
- 8) Conservação de recursos genéticos. Estratégias de conservação em áreas naturais e em bancos de germoplasma. Conservação “in situ”, “ex situ”, “in vivo”, “in vitro” e “on farm” de germoplasma, coleções e multiplicação de germoplasma.
- 9) Biotecnologias aplicadas a conservação de germoplasmas.

Bibliografia:

FUTUYMA, D. *Biologia Evolutiva*. 2.ed. Ribeirão Preto: Funpec, 2002.

NIELSEN, C. *Animal Evolution: Interrelationships of the Living Phyla*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.

RIDLEY, M. *Evolução*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GRIFFITHS, A.J.F.; e cols. *Introdução à Genética*. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2009.

SNUSTAD, D.P.; e cols. *Fundamentos de Genética*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2010.

TEMPLETON, A. R. *Genética de Populações e Teoria Microevolutiva*. Ribeirão Preto: SBG, 2011.

ZIMMER, C. *O Livro de Ouro da Evolução*. 2.ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

GRAUR, D.; LI, W.-H. *Fundamentals of Molecular Evolution*. 2.ed. Sunderland: Sinauer Associates Publishers, 2000.

MARTIOLI, S.R.; FERNANDES, F.M.C. *Biologia Molecular e Evolução*. 2.ed. Ribeirão Preto: SBG e Holus Editora, 2012.

NEI, M.; KUMAR, S. *Molecular Evolution and Phylogenetics*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CARROLL, S.B.; GRENIER, J.K.; WEATHERBEE, S.D. *From DNA to Diversity: Molecular Genetics and the Evolution of Animal Design*. 2.ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2004.

STILLMAN, B. *Evolution: The Molecular Landscape*. Nova York: Cold Spring Harbor Laboratory Press, 2009.

BENSUSAN, N. *Conservação da Biodiversidade em Áreas Protegidas*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PIRATELLI, A.J.; FRANCISCO, M.R. *Conservação da Biodiversidade: dos Conceitos as Ações*. Rio de Janeiro: Technical Books, 2013.

PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E. *Biologia da Conservação*. Londrina: Midiograf, 2001.

CULLEN JR., L.; VALLADARES-PADUA, C.; RUDRAN, R.

	<p>Métodos de Estudos em Biologia da Conservação e Manejo da Vida Silvestre. 2.ed. Curitiba: UFPR, 2006.</p> <p>GROOM, M.J.; MEFFE, G.K.; CARROLL, C.R. Principles of Conservation Biology. 3.ed. Sunderland: Sinauer, 2006.</p> <p>JEFFRIES, M.J. Biodiversity and Conservation. 2.ed. Nova York: Routledge, 2006.</p> <p>LAMEED, G.A. Biodiversity Conservation and Utilization in a Diverse World. Rijeka: InTech, 2012.</p> <p>ROCHA, C.F.D.; BERGALLO, H.G.; SLUYS, M.V.; ALVES, M.A.S. Biologia da Conservação: Essências. São Carlos: Rima, 2006.</p>
<p>Projeto de Paisagismo</p>	<p>Ementa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Conceitos fundamentais sobre métodos de projeto de paisagismo. 2. Conceitos de percepção ambiental aplicados ao projeto de paisagismo. 3. Conceitos de composição formal aplicada ao desenho da paisagem. 4. Conceituação teórica sobre plano de massas e definição de espécies vegetais. 5. Prática reflexiva de desenvolvimento de projeto de paisagismo: intervenção em espaços urbanos de caráter privado e/ou público. 6. Prática reflexiva de desenvolvimento de projeto de paisagismo: projeto de transformação da paisagem em grande escala. 7. Impactos ambientais. <p>Bibliografia:</p> <p>BARRA, Eduardo. Paisagens Úteis: escritos sobre paisagismo. São Paulo: Ed. SENAC: Mandarim, 2006. 139 p. ISBN 8573594896 (Senac)</p> <p>BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia . São Paulo Perspectiva, 2006 ix, 108 p. (Estudos ; 230) ISBN 8527307553</p> <p>CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins, 2007 196 p. ISBN 9788599102534</p> <p>CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70, [2004] 202 p. (Arquitetura & urbanismo : 1) ISBN 9724405303 (broch.)</p> <p>GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. Novos espaços urbanos. Barcelona: GG, 2002. 263 p. ISBN 8425219078 (enc.)</p> <p>GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (Org.). Arte e Paisagem a estética de Roberto Burle Marx. São Paulo. MAC-USP. 1997</p> <p>MAHFUZ, Edson da C. Ensaio sobre a razão compositiva: uma investiga o sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica. Viçosa/Belo Horizonte. UFV, Imprensa Universitária/AP Cultural. 1995.</p> <p>HUTCHISON, Edward. El dibujo en el proyecto del paisaje. Barcelona: Gustavo Gili, 2012. 240 p. ISBN 9788425224560</p> <p>LEENHARDT, Jacques (Org.) . Nos jardins de Burle Marx. São Paulo. Perspectiva. 1996. MACEDO, Silvio S. (Coord.). Introdução a um Quadro do Paisagismo no Brasil. Projeto QUAP . São Paulo FAUUSP/GDPA. 1998.</p> <p>MONTERO, Marta I. Burle Marx, paisajes l ricos. Buenos</p>

	<p>Aires. Iris. 1997.</p> <p>PRONSATO, Sylvia Adriana Dobry. Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva. São Paulo: Annablume: FUPAM: EDUSP, 2005. 148 p. FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. Desenho ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. 2. ed. São Paulo: Annablume 2008. 224 p MASCARÓ, Juan Luis. Infra-estrutura da paisagem. Porto Alegre: +4, 2008. 194 p. MACEDO, Silvio Soares. paisagismo brasileiro na virada do século 1990-2010. São Paulo: EDUSP, 2012. 343 p. ISBN 9788531413582</p> <p>MASCARÓ, Lucia R. de; MASCARÓ, Juan Luis. Vegetação urbana. 2.ed. Porto Alegre: Masquatro, 2005. 204 p. ISBN 8590266346</p> <p>ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares,. Praças brasileiras = Public squares in Brazil. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010. 311 p. (Quapá) ISBN 9788531406560 (broch.)</p> <p>VILAÇA, Juliana. Plantas tropicais: guia prático para o novo paisagismo brasileiro. São Paulo: Nobel, 2005. 336 p. ISBN 8521313055 (Broch.)</p> <p>VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. 2 ed. S o Paulo: Studio Nobel, 2001. 373 p. ISBN 85-85445-75- 0</p> <p>WATERMAN, Tim. Fundamentos de paisagismo. Porto Alegre: Bookman, 2010. 200 p. ISBN 9788577806829 (broch.)</p>
--	---

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ALTO VALE DO ITAJAÍ - CEAVI	
Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
Engenharia de Software	<p>Ementa:</p> <p>Modelos de ciclo de vida de software. Processos de ciclo de vida de software. Métodos ágeis. Notação para definição de processos. Fundamentos de melhoria de processo de software. Métricas de processo. Ferramentas CASE para gerenciamento de processos de software. Fundamentos de qualidade de processo de software. Garantia da qualidade. Modelos e normas de qualidade de processo de software (CMMI, MPS.BR, ISO/IEC 15504, ISO/IEC 12207, ISO 9001, outros). Métodos ou abordagens de melhoria de processo (IDEAL, PDCA, ISO/IEC 15504, outros). Métodos de avaliação de processo (SCAMPI, MA-MPS, outros). Modelos de referência de processo (ISO/IEC 15504-5, CMMI-DEV, MR-MPS). Níveis de maturidade. Métricas e indicadores em qualidade de processo. Revisões, auditoria e inspeções. Garantia de qualidade. Análise de causa e prevenção de defeitos. Avaliação de atributos de qualidade. Métricas e medidas da qualidade de software. Tipologias de arquiteturas de software. Desenvolvimento baseado em componentes. Programação orientada a aspectos. Injeção de controle. Linguagens de descrição de arquitetura. Diagrama de componentes. Diagrama de implantação. Fundamentos de métodos formais. Notações para especificações formais. Aplicação de linguagens e métodos de especificação. Geração automática de código fonte a partir da especificação.</p>

Bibliografia:

ALMEIDA, J. B.; FRADE, M. J.; PINTO, J. S.; SOUSA, S. M. de. Rigorous software development: an introduction to program verification. New York: Springer, 2011.

BARTIÉ, A. Garantia de Qualidade de Software. 5.ed. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Elsevier, 2002.

COUTO, A. B. CMMI: Integração dos Modelos de Capacitação e Maturidade de Sistemas. Ciência Moderna, 2007.

ENGHOLM JUNIOR, H. Engenharia de software na prática. São Paulo: Novatec, 2010.

FOWLER, Martin. Padrões de arquitetura de aplicações corporativas. Porto Alegre, RS: Bookman, 2006. 493 p. ISBN 9788536306384 (broch.).

GAMMA, Erich. Padrões de projeto: soluções reutilizáveis de software orientado a objetos. Porto Alegre: Bookman, 2000. 364 p. ISBN 8573076100 (broch.). Número de chamada: 005.11 P124.

GIMENES, I. M. S. Desenvolvimento baseado em componentes: conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

GIRAULT, Claude; VALK, Rudiger. Petri Nets for system engineering: a guide to modelling, verification and applications. Springer, 2003.

HIRAMA, Kechi. Engenharia de software: qualidade e produtividade com tecnologia. Rio de Janeiro: Elsevier, c2012. 210 p. ISBN 9788535248821 (broch.).

HUTH, Michael; RYAN, Mark. Lógica em ciência da computação: modelagem e argumentação sobre sistemas. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 322 p. ISBN 9788521616108 (broch.).

IEEE Computer Society Professional Practices Committee. SWEBOK: Guide to the Software Engineering Body of Knowledge. IEEE Computer Society, 2004.

KOSCIANSKI, André; SOARES, Michel dos Santos. Qualidade de software: aprenda as metodologias e técnicas mais modernas para o desenvolvimento de software. São Paulo: Novatec, 2007. 395 p. ISBN 9788575221129 (broch.).

KOSCIANSKI, A.; SOARES, M. S. Qualidade de Software. 2. ed. São Paulo: Novatec, 2007.

LAZZERI, José Carlos. Arquitetura orientada a serviços: fundamentos e estratégias: de modelos de negócio a serviços. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009. 229 p. ISBN 9788573938661 (broch.).

MECENAS, I.; OLIVEIRA, V. Qualidade em Software. Rio de Janeiro: Alta Books, 2005.

PRESSMAN, R. S. Engenharia de software. 7. ed. São Paulo: Bookman, 2011.

ROSA, J. L. G. Linguagens formais e autômatos. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

SCOTT, K. O processo unificado explicado. Porto Alegre: Bookman, 2002.

	<p>SILVA, Ivan José de Mecenas; OLIVEIRA, Vivianne de. Qualidade em software: uma metodologia para homologação de sistemas. Rio de Janeiro: Alta Books, c2005. 143 p. ISBN 8576080737 (broch.).</p> <p>SOMMERVILLE, I. Engenharia de software. 9. ed. São Paulo: Pearson, 2011.</p> <p>WINCK, Diogo Vinícius; GOETTEN JUNIOR, Vicente. Aspectj: programação orientada a aspectos com java. São Paulo: Novatec, 2006. 228 p. ISBN 857522087X (broch.).</p>
--	---

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO OESTE - CEO	
Área de Conhecimento	Ementas / Bibliografia
<p>Engenharias – Engenharia Química – Processos Industriais de Engenharia Química</p>	<p>Ementa: Cinética das reações homogêneas. Equações básicas dos reatores. Comparação e combinação de reatores de mistura e tubular. Reatores ideais não isotérmicos. Reatores não ideais. Reatores multifásicos. Catálise heterogênea. Reatores catalíticos heterogêneos. Reatores fluido-fluido. Reatores sólido-fluido. Análise de reatores. Geradores de vapor. A qualidade do vapor: tratamento da água. Cálculos de produção de vapor. Linhas de distribuição de vapor e retorno de condensado. Acessórios de linhas de vapor e condensado. Dimensionamento de linhas de vapor e condensado. Gerenciamento de linhas de vapor. Geração de ar comprimido. Dimensionamento de linhas de ar comprimido. Desenvolvimento de práticas de laboratório envolvendo conceitos de Fenômenos de Transportes e Operações Unitárias.</p> <p>Bibliografia: FOGLER, H. S. Elements of Chemical Reaction Engineering, Prentice-Hall, 1992. LEVENSPIEL, O. Chemical Reaction Engineering, 2nd ed., John Wiley & Sons, Inc., 1972. SMITH, J. M. Chemical Engineering Kinetics, 3rd ed., International Student Edition, McGraw-Hill International Book Co., 1981. NOGUEIRA, L. A. H.; NOGUEIRA, F. J. H.; ROCHA, C. R. Eficiência energética no uso de vapor. Eletrobrás, Rio de Janeiro, 2005. NOGUEIRA, L. A. H.; NOGUEIRA, F. J. H.; ROCHA, C. R.; MONTEIRO, M. A. G. Manual prático: eficiência energética em sistemas de vapor. Eletrobrás, Rio de Janeiro, 2005. TORREIRA, R. P. Fluidos térmicos: água – vapor – óleos térmicos. Editora Hemus, 2002. GOMIDE, R. Operações Unitárias. Edição do Autor, 1º e 3º vol., 1980. McCABE, W. L.; SMITH, J. C.; HARRIOTT, P. Unit Operations of Chemical Engineering, 5th ed., McGraw-Hill International Editions, 1993.</p>

	<p>FOUST, A. S.; WENZEL, L. A.; CLUMP, C. W.; MAUS, L.; ANDERSEN, L. B. Principles of Unit Operations, 2nd ed., John Wiley & Sons, 1980.</p> <p>PERRY, R. H.; GREEN, D. W. Chemical Engineers Handbook. 8th. Ed. Mc Graw-Hill, 2007.</p>
<p>Engenharias – Engenharia Química – Processos Industriais de Engenharia Química e Tecnologia Química</p>	<p>Ementa: Modelos matemáticos para sistemas de Engenharia Química. Resolução numérica a parâmetros concentrados. Resolução numérica a parâmetros distribuídos. Noções de balanço de massa e energia de plantas químicas em computadores. Diagrama de instrumentação. Instrumentação industrial: medidas de pressão, temperatura, vazão, nível e densidade. Transmissores pneumáticos e eletrônicos. Atuadores industriais. Controladores lógicos programáveis. Sistemas supervisórios. Argila e calcário como matéria-prima. Indústria da madeira e do papel. Refino do petróleo. Petroquímica. Polímeros.</p> <p>Bibliografia: DAVIS, M. E. Numerical Methods and Modeling for Chemical Engineers, John Wiley & Sons, 1984. LUYBEN, W. L. Process Modeling, Simulation, and Control for Chemical Engineers, McGraw-Hill, 1973. RICE, R. G.; DO, D. D. Applied Mathematics and Modeling for Chemical Engineers, John Wiley & Sons, 1995. BEGA, E. A.; DELMÉE, G. J.; COHN, P. E.; BULGARELLI, R.; KOCH, R.; FINKEL, V. S.; GROOVER, M. P. Instrumentação Industrial. São Paulo: Editora Interciência, 2003. FRANÇA, A. F. Instrumentação e Medidas: Grandezas Mecânicas. Campinas, Editora da Unicamp, 2007. NORTHROP, R. C. Introduction to Instrumentation and Measurements. 2nd. Edition, CRC Press, 2005. SHREEVE, R. N. Indústrias de Processos Químicos. Guanabara, 1997. WONGTSCHOWSKI, P. Indústria Química Riscos e Oportunidades. Edgard Blucher, 1999. MOURÃO, M. B. Introdução a Siderurgia. ABM, 2007.</p>
<p>Enfermagem</p>	<p>Ementa: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I Desenvolvimento de atividades gerenciais, de cuidado, educativas e de investigação em saúde e enfermagem, de acordo com o interesse dos espaços de estágio, com prioridade para unidades hospitalares, ou serviços que prestam assistência de média e alta complexidade. Responsabilidades éticas e bioéticas do gestor dos serviços hospitalares.</p> <p>Bibliografia: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I CUNHA, K. C. Gestão de Pessoas: foco na enfermagem atual. São Paulo: Martinari, 2008 KURCGANT, P. et al. Gerenciamento em Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005</p>

	<p>MARQUIS, B. L.; HUSTON, C. J. Administração e liderança em enfermagem: teoria e aplicação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005</p> <p>CHIAVENATO, I. Recursos Humanos. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2000.</p> <p>MAXIMIANO, A. C. A. Introdução à administração. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2000.</p>
<p>Enfermagem de Saúde Pública</p>	<p>Ementa: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II Ementa: Desenvolvimento de atividades gerenciais, de cuidado, educativas e de investigação em saúde e enfermagem, de acordo com o interesse dos espaços de estágio, com prioridade para unidades de atenção básica, em especial da Estratégia Saúde da Família, considerando o território no qual o serviço está inserido. Responsabilidades de ética e bioética do gestor em saúde na atenção básica.</p> <p>Bibliografia: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II MENDES, E. V. (org.). A organização da saúde a nível local. São Paulo. HUCITEC, 1998. MERHY, E. E. O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 TANNURE, M. C.; GONÇALVES, A. M. P. Sistematização da Assistência de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010 MENDES, E. V. Distrito sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994, p.310 (Saúde em debate). SAITO, Raquel Xavier de Souza. Integralidade da atenção: organização do trabalho no programa saúde da família na perspectiva sujeito-sujeito. São Paulo: Martinari, 2008, p. 160</p>
<p>Zootecnia - Nutrição e Alimentação Animal - Produção Animal</p>	<p>Ementa: BOVINOCULTURA DE CORTE: A situação e a importância da pecuária de corte no Mundo, no Brasil e em Santa Catarina, seus gargalos e suas perspectivas. Indicadores produtivos e de desempenho empregados na pecuária de corte. Composição do rebanho em gado de corte. Raças bovinas de corte e mistas. Melhoramento genético em bovinos de corte. Crescimento em bovinos. Exigências nutricionais. Sistemas de produção de bovinos. Manejo de terneiros do nascimento ao desmame. Manejo de fêmeas bovinas do desmame ao primeiro parto. Manejo de fêmeas bovinas do primeiro ao segundo parto. Manejo de fêmeas bovinas adultas. Manejo de machos da desmama ao abate (recria e engorda). Manejo de touros. BOVINOCULTURA DE CORTE SUSTENTÁVEL: Situação e perspectivas da bovinocultura de corte no Brasil e no mundo para a produção de carne a base de pasto. Raças adaptadas, crescimento, desenvolvimento e produção de carne com certificação de origem. Práticas de manejo e</p>

alternativas alimentares na produção sustentável. Medidas profiláticas e sistemas alternativos de tratamentos. Instalações e equipamentos em sistemas sustentáveis de produção. Planejamento e marketing da produção, explorando aspectos agroecológicos.

NUTRIÇÃO DE RUMINANTES: desenvolvimento do TD; composição do conteúdo ruminal; ingestão e digestibilidade de alimentos; utilização de glicídeos estruturais e nitrogênio protéico e não-protéico; características do ambiente ruminal, fermentação, taxas de passagem e de digestão exigências nutricionais para manutenção, crescimento e produção.

ALIMENTOS E ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS: Matérias primas: classificação, composição, função, proporção e limites de utilização em função da espécie. Micro-ingredientes pré-misturados núcleos e aditivos. Controle de qualidade de matérias-primas. Principais equipamentos e fases do processo de elaboração de rações (fareladas e peletizadas) de uma fábrica de rações. Métodos de cálculo de rações para não-ruminantes. Alimentos mais usados para ruminantes. Fatores que afetam o consumo máximo voluntário de forragens. Relação volumoso-concentrado e seus efeitos físico-químicos do rúmen. Método de cálculo de rações para ruminantes.

ADITIVOS NA ALIMENTAÇÃO ANIMAL: Aditivos; alimentos alternativos e subprodutos usados na alimentação Animal: composição, finalidade, recomendações e limitações de uso; Impacto dos resíduos de aditivos no ambiente e saúde humana; aditivos alternativos.

Bibliografia:

PIRES, A.V. (ed.). Bovinocultura de Corte: volumes I e II. Editora FEALQ: Piracicaba, 2010.

OLIVEIRA, R.L.; BARBOSA, M.A.A.F. (org.) Bovinocultura de Corte: desafios e tecnologias. Salvador: EDUFBA, 2007, PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C.; FARIA, V.P. 1997. Confinamento de bovinos de corte. Piracicaba: FEALQ, 2000. 150p.

CHURCH, D. C. The ruminant animal digestive physiology and nutrition, Waveland Press, D. C. Church (Ed), 1988, 564p.

VAN SOEST, P. J. Nutritional Ecology of the Ruminant, Cornell University Press (2nd Ed), 1994, 476p.

VAN HORN, H.H., WILCOX, C.J. Large Dairy Herd Management, American Dairy Science Association, 1992, 826p.

BERCHIELLI, T. T.; PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. Nutrição de ruminantes. Jaboticabal: FUNEP, 2006. 583p.

BUTOLO, J. E. Qualidade de ingredientes na alimentação animal. CBNA, 2002,

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient requirement in dairy cattle. 7th. ed. Washington: The National Academy of Science, 2001.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient Requirements of Beef Cattle: 7th Revised Edition: Update 2000. Washington, DC: The National Academies Press, 2000.

ANEXO III REQUISITOS PARA AS VAGAS

1. CENTRO DE ARTES - CEART:

1.1. Para a área de **Desenho** é necessário ter Graduação em Moda ou em Design ou em Educação Artística ou em Artes Visuais com Doutorado em Moda ou em Design ou em Artes Visuais ou em Gestão da Produção ou em Gestão do Conhecimento ou em Interdisciplinar em Ciências Humanas ou em Ciências Humanas.

1.2. Para a área de **Desenho Industrial – Desenho de Produto / Programação Visual** é necessário ter Graduação em Desenho Industrial – habilitação em Projeto de Produto ou Programação Visual / Comunicação Visual, ou Graduação em Design Industrial ou Design Gráfico ou Desenho com Doutorado em Design ou Engenharia de Produção ou Gestão do Conhecimento ou Arquitetura ou Ergonomia ou Fatores Humanos.

1.3. Para a área de **Fundamentos e Crítica de Arte – Teoria da Arte / História da Arte / Crítica de Arte** é necessário ter Graduação em Artes Visuais ou Artes Plásticas ou História da Arte (Bacharelado ou Licenciatura) com Doutorado em Artes ou Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas.

1.4. Para a área de **Música – Educação Musical** é necessário ter Graduação em Música (Bacharelado ou Licenciatura) ou Graduação em Educação Artística com Habilitação em Música com Doutorado em Música com ênfase em Educação Musical; **OU** Licenciatura em Música ou Graduação em Educação Artística com Habilitação em Música e Doutorado em Música ou em Artes ou em Educação ou em Psicologia ou em Antropologia ou em Sociologia (todas as áreas com tese sobre Educação Musical).

1.5. Para a área de **Teoria Teatral** é necessário ter Graduação em Artes Cênicas ou em Teatro com Doutorado em Artes, ou História, ou Literatura, ou Antropologia, ou Filosofia; **OU** Mestrado em Artes Cênicas ou em Teatro com Doutorado em Artes, ou História, ou Literatura, ou Antropologia, ou Filosofia; **OU** Doutorado em Artes Cênicas ou Teatro.

2. CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS - CAV

2.1. Para a área de **Biologia e Manejo de Plantas Daninhas** é necessário ter Graduação em Agronomia ou Engenharia Agrônômica, com Doutorado na área de Agronomia ou Engenharia Agrônômica ou Ciências ou Produção Vegetal ou Fitotecnia ou Fitossanidade.

2.2. Para a área de **Doenças Parasitárias de Animais** é necessário ter Graduação em Medicina Veterinária e Doutorado na área de Medicina Veterinária ou Ciência Animal ou Ciências Veterinárias ou Parasitologia ou Parasitologia Veterinária.

2.3. Para a área de **Engenharia Civil** é necessário ter Graduação em Engenharia Civil, com Mestrado ou Doutorado na área de Engenharia Civil.

2.4. Para a área de **Gestão Ambiental** é necessário ter Graduação em Engenharia Ambiental ou Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária ou Graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental e Doutorado na área de Engenharia Ambiental ou Doutorado na área de Engenharia Sanitária ou Doutorado na área de Ciências Ambientais ou Doutorado na área de Gestão Ambiental.

2.5. Para a área de **Proteção Florestal** é necessário ter Graduação em Engenharia Florestal, com Doutorado na área de Engenharia Florestal ou Ciências Florestais ou Recursos Florestais ou Proteção Florestal ou Entomologia Florestal ou Fitopatologia Florestal ou Entomologia ou Fitopatologia.

3. CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO E SÓCIO-ECONÔMICAS - ESAG

3.1. Para a área de **Administração Pública e Coprodução** é necessário ter Graduação em Administração ou Administração Pública ou Administração Pública e Políticas Públicas ou Gestão Pública ou Gestão Social ou Gestão de Políticas Públicas ou Ciências Econômicas e Doutorado em Administração ou Administração Pública ou Sociologia ou Ciência Política ou Economia.

3.2. Para a área de **Macroeconomia** é necessário ter Graduação na área de Ciências Sociais Aplicadas ou na área de Ciências Exatas ou na área de Engenharia. Doutorado em Economia.

4. CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO ESPORTE - CEFID

4.1. Para a área de **Aspectos Pedagógicos do Movimento Humano/ Formação Esportiva** é necessário ter Bacharelado ou Licenciatura em Educação Física, com Doutorado reconhecido pela CAPES realizado nas subáreas inseridas nas grandes áreas da CAPES das Ciências da Saúde, ou das Ciências Humanas, ou das Ciências Biológicas, ou das Ciências Sociais.

4.2. Para a área de **Fisioterapia na Atenção Primária em Saúde** é necessário ter Graduação em Fisioterapia com Doutorado em curso reconhecido pela CAPES, realizado nas seguintes subáreas de avaliação: Saúde Coletiva, Educação Física, Enfermagem e Interdisciplinar.

4.3. Para a área de **Recursos Fisioterapêuticos** é necessário ter Graduação em Fisioterapia com Doutorado em curso reconhecido pela CAPES, realizado nas subáreas inseridas nas grandes áreas da CAPES: Ciências da Saúde ou Biológicas ou Multidisciplinar.

5. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED

5.1. Para a área de **Geografia Física - Biogeografia** é necessário ter Graduação em Geografia com Doutorado em Geografia ou em Geografia Física.

5.2. Para a área de **Geografia Humana – Geografia Agrária e Geografia do Brasil** é necessário ter Graduação em Geografia com Doutorado em Geografia ou em Geografia Humana.

5.3. Para a área de **Teoria e Prática Pedagógica: Libras – Língua Brasileira de Sinais/ Educação Especial e Educação Inclusiva** é necessário ter Licenciatura em Pedagogia ou Licenciatura em Letras/Libras, com Doutorado em Educação.

6. CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT

6.1. Para a área de **Arquitetura e Organização de Computadores** é necessário ter Doutorado, sendo que no mínimo uma das titulações – Graduação, Mestrado ou Doutorado – seja em Ciência da Computação ou áreas afins* e as demais em qualquer área de Ciências Exatas ou Engenharias ou em Ciência da Computação ou áreas afins*.

(*) Para efeito deste concurso são consideradas áreas afins:

Mestrado e Doutorado:

Ciência da Computação, Engenharia de Computação, Sistemas de Informação, Informática, Engenharia de Produção de Software, Processamento de Dados, Computação, Ciências em Informática, Análise de Sistemas, Engenharia de Informação, Engenharia de Processamento de Dados, Engenharia de Software e Matemática Computacional, Ciência da Computação e Matemática Computacional, Computação Aplicada, Engenharia de Sistemas e Computação, Informática Aplicada, Redes de Computadores, Sistemas e Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia Elétrica e de Computação, Engenharia Elétrica e Informática Industrial, Engenharia Eletrônica e Computação, Modelagem Computacional, Modelagem Computacional e de Conhecimento, Engenharia de Automação e Sistemas, Engenharia e Gestão do Conhecimento, Bioinformática ou Informática na Educação.

Graduação:

Bacharelado em Ciência da Computação, Bacharelado em Sistemas de Informação, Bacharelado em Informática, Bacharelado em Processamento de Dados, Bacharelado em Matemática Computacional, Bacharelado em Computação, Bacharelado em Ciências em Informática, Bacharelado em Análise de Sistemas, Engenharia de Informação, Engenharia de Processamento de Dados, Engenharia de Software, Engenharia de Produção de Software, Engenharia da Computação, Engenharia Mecatrônica, Engenharia Elétrica, Engenharia de Controle e Automação, Licenciatura em Ciência da Computação, Licenciatura em Computação, Licenciatura em Informática, Tecnologia em Sistemas de Informação, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Redes de Computadores ou Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação.

6.2. Para a área de **Engenharia de Produção** é necessário ter Graduação em Engenharia de Produção e Doutorado em Engenharia de Produção.

6.3. Para a área de **Engenharia Hidráulica** é necessário ter Graduação em Engenharia Civil ou Engenharia Sanitária e Doutorado na subárea de Hidráulica.

6.4. Para a área de **Física** é necessário ter Graduação em Física ou áreas afins (Licenciatura ou Bacharelado) e Doutorado em Física ou em Ciências ou em Ensino de Física ou em Educação em Ciências ou em Educação Científica e Tecnológica, com tese de caráter teórico ou experimental.

6.5. Para a área de **Matemática** é necessário ter Graduação em Matemática com Doutorado em Matemática ou Física ou Engenharias.

6.6. Para a área de **Processos de Fabricação – Conformação Mecânica e Fundição - Engenharia Mecânica** é necessário ter Graduação em Engenharia Mecânica ou Engenharia Metalúrgica ou Engenharia de Materiais. Doutorado em Engenharia Mecânica ou Engenharia Metalúrgica ou Engenharia de Materiais, na área de concentração Metalurgia de Transformação de acordo com a classificação do CNPq.

7. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA FOZ DO ITAJAÍ – CESFI

7.1. Para a área de **Ciência Política** é necessário ter Graduação na área de Ciências Humanas e Doutorado na área de Ciências Humanas.

7.2. Para a área de **Economia** é necessário ter Graduação em Economia e Doutorado na área de Economia.

7.3. Para a área de **Engenharias (A)** é necessário ter Graduação em Engenharia de Petróleo com Mestrado e/ou Doutorado em Engenharias.

7.4. Para a área de **Engenharias (B)** é necessário ter Graduação em Engenharias com Mestrado e/ou Doutorado em Engenharias.

8. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA REGIÃO SUL - CERES

8.1. Para a área de **Botânica** é necessário ter Graduação na Grande Área de Ciências Agrárias ou Ciências Biológicas (conforme tabela de classificação de Áreas de Conhecimento CAPES) e com Doutorado em Ciências Biológicas ou Ciências Biológicas (Botânica) ou Biologia Vegetal ou Botânica ou Produção Vegetal ou Agronomia ou Genética e Biodiversidade ou Genética e Biologia Molecular ou Biologia de Fungos, Algas e Plantas ou Agroecologia ou Oceanografia Biológica ou Fitotecnia ou Engenharia Florestal ou Ciências Florestais ou Aquicultura ou Ciências.

8.2. Para a área de **Genética, Evolução e Recursos Genéticos** é necessário ter Graduação na Grande Área de Ciências Agrárias ou Ciências Biológicas (conforme tabela de classificação de Áreas de Conhecimento CAPES) e com Doutorado em Ciências Biológicas ou Ciências Biológicas (Genética) ou Genética ou Genética e Biologia Molecular ou Genética Evolutiva e Biologia Molecular ou Genética e Biologia Evolutiva ou Genética, Conservação e Biologia Evolutiva ou Genética e Melhoramento Animal ou Ciência Animal ou Ciência Animal e Pastagens ou Biociências ou Sistemática e Ecologia ou Ecologia e Evolução ou Ciências.

8.3. Para a área de **Projeto de Paisagismo** é necessário ter Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

9. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – CEAVI

9.1. Para a área de **Engenharia de Software** é necessário ter Graduação (ou Tecnólogo) em Ciência da Computação, Computação, Engenharia de Software, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Desenvolvimento de Sistemas, Sistemas de Informação, Engenharia da Computação, Informática, Processamento de Dados, Gestão da Tecnologia da Informação, Redes de Computadores, Segurança da Informação, Sistemas para Internet, Automação e Sistemas, Engenharia da Automação e Sistemas Automação Industrial, Mecatrônica ou cursos da subárea Informática disponível em portal.mec.gov.br/dmdocuments/consulta_exatas.pdf com Mestrado ou Doutorado em uma das áreas de Ciência da Computação, Computação, Engenharia de Software, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Desenvolvimento de Sistemas, Sistemas de Informação, Engenharia da Computação, Informática, Processamento de Dados, Gestão da Tecnologia da Informação, Redes de Computadores, Segurança da Informação, Sistemas para Internet, Automação e Sistemas, Engenharia da Automação e Sistemas, Automação Industrial, Mecatrônica ou cursos da subárea Informática disponível em portal.mec.gov.br/dmdocuments/consulta_exatas.pdf.

10. CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO OESTE – CEO

10.1. Para a área de **Engenharias – Engenharia Química – Processos Industriais de Engenharia Química** é necessário ter Graduação na área de Engenharia Química conforme classificação do CNPq, com, no mínimo, Doutorado em Engenharia.

10.2. Para a área de **Engenharias – Engenharia Química – Processos Industriais de Engenharia Química e Tecnologia Química** é necessário ter Graduação na área de Engenharia Química conforme classificação do CNPq, com, no mínimo, Doutorado em Engenharia.

10.3. Para a área de **Enfermagem** é necessário ter Graduação em Enfermagem com Doutorado em Enfermagem.

10.4. Para a área de **Enfermagem de Saúde Pública** é necessário ter Graduação em Enfermagem com Doutorado em Enfermagem.

10.5. Para a área de **Zootecnia - Nutrição e Alimentação Animal - Produção Animal** é necessário ter Graduação em Agronomia ou Medicina Veterinária ou Zootecnia, com título de Doutor e Tese de Doutorado na área de Bovinocultura de Corte ou Nutrição de Ruminantes.